

Diversidade



Princesa independente

No próximo dia 9 de junho, decreto que tornou Princesa Isabel um município independente da Paraíba completa 90 anos. [Página 15](#)



Fotos: Reprodução

Esportes



Divergências entram em campo

Há 50 anos, clubes de Campina Grande declararam guerra contra a Federação Paraibana de Futebol e a temporada de 1970 teve dois campeonatos. [Página 12](#)



Fotos: Arquivo-reprodução

Metropolitano é habilitado para transplante de coração

Hospital localizado em Santa Rita é a primeira unidade pública de saúde da PB habilitada para esse tipo de operação. [Página 3](#)

Foto: Arquivo pessoal



Na linha de frente da guerra, elas venceram a covid-19

Infectadas pelo coronavírus, profissionais de enfermagem vivenciam o mesmo drama dos pacientes que ajudaram a tratar, mas se recuperaram e celebram uma nova vida. [Página 5](#)

Diversidade



Foto: Fotos Públicas

Degradação O descarte incorreto e o excesso de lixo produzido pela humanidade ameaçam o meio ambiente e a vida na Terra. [Páginas 13 e 14](#)

Modelo remoto garante ensino mesmo durante a pandemia

Novo modelo apresentado pela Secretaria de Estado da Educação remodela o significado dos processos de ensino em tempos de distanciamento social. [Página 16](#)

Paraíba



Foto: Roberto Guedes

Campina Grande conta com parques tecnológicos, educacionais e de saúde, além de ter um comércio próspero e muita cultura. [Página 8](#)

Geral

Cloroquina e doenças cardíacas

Cardiologista Marcelo Queiroga destaca que a Sociedade Brasileira de Cardiologia não recomenda a cloroquina. [Página 4](#)



Foto: Divulgação

Fique em casa

Evite de cada um pensar em tudo sozinho.



Editorial

João e Miguel

Os contos de fadas estão cheios de madrastas que maltratam enteados. Na vida real também é assim. Quantos meninos e meninas não foram mortos porque um dos cônjuges ou os dois juntos por algum motivo se sentiam incomodados com os afilhados. A lista é grande e o espaço é curto para lembrar os casos mais notórios, porque existem os crimes que permaneceram encobertos.

A literatura dita adulta traz os casos de senhoras que espancam crianças pelo simples prazer de judiar. A isso se dá o nome de sadismo. Neste caso, agravado pelo racismo. Duas rimas ruins e perversas. O “Menino de Engenho”, romance de estreia de José Lins do Rego, por exemplo, tem a figura diabólica de Tia Sinházinha, que martiriza a negrinha Josefa, dentro da casa grande.

Se os enredos do drama de ficção, por esses dias, não andam bem das pernas, aliás, das tramas, as urdiduras da vida real se superam, com entrecchos de fazer cinzas do coração mais duro. Veja-se o emblemático caso acontecido há poucos dias, no Recife (PE), envolvendo três personagens principais: Mirtes (empregada doméstica), Miguel (seu filho menor) e Sari (a patroa).

Sari (da) Corte Real deixou Miguel sozinho no elevador do prédio de luxo onde mora, depois que Mirtes saiu para passear com o cachorrinho da família. O garoto, de 5 anos, se perdeu e caiu de uma altura de 35 metros, assim como negros africanos caíam dos navios negreiros - estranhas máquinas, também para eles – quando eram levados à força para terras do novo mundo.

Na origem da sociedade brasileira, que mulher, da Corte Real, queria ser cuidadora de menino pobre? Era assim no tempo dos reis, é assim no tempo dos presidentes. À criança pobre não se dá a mão. Melhor fazer com que ela entre na mata ou, mais à frente, no elevador. Depois é só apertar o botão, com a seta para cima, e o acaso cuida do resto, como aconteceu com Miguel.

Miguel não está sozinho neste voo para baixo. Quase todo santo dia, crianças pobres, deixadas sozinhas pelo Estado brasileiro, se perdem e caem nos fossos das desigualdades sociais ou nas valas dos preconceitos raciais. Ao crescerem um pouco mais, às vezes recebem balas em vez de asas, como aconteceu com o adolescente pobre João Pedro, na antiga sede do Governo Imperial.

Artigo

Martinho Moreira Franco
martinhomoreirafanco46@gmail.com

Legendários textos e fotos

O título da coluna de Angélica Lúcio no caderno “Almanaque” de domingo passado (“Ai que saudade do velho e bom fotojornalismo!”) teve o efeito de um flash em minha memória. Clareou, com intensa luminosidade, imagens que estavam retidas em algumas redações do passado. As primeiras, no amplo salão do antigo “Correio da Paraíba” da Rua Barão do Triunfo. As seguintes, no acolhedor endereço de “O Norte” da Rua Duque de Caxias e, por fim, no monumental prédio de “A União” da Praça João Pessoa. Em cada uma dessas lembranças revivi, levado por Angélica, momentos inesquecíveis da minha carreira profissional. Especialmente quando a colunista se deteve em recordar como era fascinante, nos seus tempos de editora do “Jornal da Paraíba”, ter em mãos a produção fotográfica do dia para decidir que ilustração iria estampar o mais valorizado espaço da capa. Foi ao ler esse trecho do artigo que me ocorreu uma das mais gratas recordações da época em que trabalhei como copidesque: redigir texto-legenda.

E o que era isso? Tratava-se de recurso com a função de valorizar fotografia de excepcional qualidade em forma e conteúdo. A colunista do “Almanaque” se reporta a “instante eternizado de uma criança brincando no parque, a pipa bailando no céu ou a pelada de fim de tarde em algum terreno baldio”. São exemplos típicos de flagrantes que inspiravam legendas diferenciadas. Em vez de uma linha para identificação ou, no máximo, duas com informação sucinta, redigia-se um texto de cinco a dez linhas em tom de comentário, geralmente de cunho poético. Também podia ser objetivo, desde que revestido de leveza. Era o tal texto-legenda, introduzido na grande imprensa pelos cariocas “Correio da Manhã” e “Jornal do Brasil”. Detalhe: quase sempre precedido de título criativo.

Comecei a me enxerir nesse delicado artesanato de linguagem quando incentivado por Biu Ramos, secretário de redação do CP e admirador da inovação. Facilitava o engenho de redatores as instigantes fotos de Waldomiro “Cabeção”, craque em captar cenas inusitadas como a do governador João Agripino tirando uma soneca em banco da estação de passageiros do Aeroporto Castro Pinto (título: “O repouso do guerreiro”) ou de um parque de diversões semideserto visto por dentro de um tubo para obras de abastecimento d’água no bairro da Torre (“A festa entrou pelo cano”). Em “O Norte”, eram imagens de José Bezerra ou Josinaldo Malaquias que costumavam sugerir textos-legendas de Crispim, Gonzaga, Evandro, Nathanael e até do locutor de vos fala. Aqui neste jornal, Barreto Neto e Marcone Cabral caprichavam ao legendar fotos de Otílio Nascimento e de outros repórteres fotográficos da casa.

Na parte que me toca, não tenho como esquecer do título que fui buscar no cinema para inscrever no alto da foto (não me lembro de quem) do tapete de flores com que os ipês da Lagoa douravam a grama de um dos canteiros do parque em um dezembro iluminado: “Esplendor na relva”. Era a tradução literal de “Splendor in the grass”, original do filme de Elia Kazan, com Warren Beatty e Natalie Wood. Apelei para isso porque não caberia o título da fita em português: “Clamor do sexo”. Seria uma clamorosa inadequação. Salvaram-me os rudimentares conhecimentos cinematográficos.

Comecei a me enxerir nesse delicado artesanato de linguagem quando incentivado por Biu Ramos

Artigo

Sitônio Pinto
sitoniopinto@gmail.com | Colaborador

Tio Sam e a estação das guerras

As forças armadas do EUA evitam convocar negros para suas fileiras, querendo com isso evitar que o neo-cidadão tenha o argumento de que lutou em uma das tantas lutas que Tio Sam participou mundo afora. Não convoca nem aceita voluntários: a guerra é assunto de brancos. Esse procedimento é antigo; trata-se de um preconceito histórico. Vem desde a Guerra da Independência, quando, só a muito custo, os abolicionistas conseguiram recrutar o primeiro regimento negro dos Estados Unidos: o 54º Regimento de Libertos de Massachussets – pois seus membros eram todos livres, condição “sine qua non” para ser aceito em suas fileiras.

Só excepcionalmente, num conflito muito difícil – como a Grande Guerra do Vietnã, onde os EUA tiveram mais baixas que na 2ª Guerra Mundial. Os americanos tiveram 500 mil baixas; no Vietnã, quatro generais. Mas o tio do mundo não se emenda: mal renderam-se aos guerrilheiros do general Nguien Vo Giap (que em bom vietnamita quer dizer “Armadura”), mal saiu do jângal em que se atolara no sudeste asiático, o exército americano entrou noutra desventura, brincando de guerra no Oriente Médio.

O professor de História decidiu fazer a História com as próprias mãos, e aperfeiçoou as táticas de guerrilhas até o último nível. Atacava, recuava de maneira que o inimigo nunca sabia quando e nem onde seria a próxima ação.

É duro ser cidadão da norte-américa. O país já se envolveu em todos os conflitos armados do planeta, dando continuidade, com suas formidáveis forças armadas, à guerra de conquista com a qual visa impor sua vontade e suas “trades” a todos os povos da humanidade.

Quando seus cargueiros e petroleiros não são abastecidos a gosto, resta o recurso infalível de “show the banner”, os porta-aviões desfilando sobranceiro com sua flâmula pirata. É o império da ‘July Roger’, as duas túbias cruzadas sobre o cinismo da caveira. Como nos velhos tempos.

O dinheiro farto e fácil, os meios de comunicação ao alcance do braço, o magnata tem os legisladores sob seu controle. Mas a massa está aprendendo a se manifestar, mesmo com a força dos mortos.



Foto: Divulgação

não convoca nem aceita voluntários: a guerra é assunto de brancos.

Domingos Sávio
savio_fel@hotmail.com

Humor



SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL

EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Albiego Léa Fernandes
DIRETORA DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC
BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 /
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$200,00 / Semestral R\$100,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

O UVIDORIA :
99143-6762

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

Hospital Metropolitano já pode realizar transplante de coração

Unidade hospitalar é a primeira da rede pública habilitada pelo Ministério da Saúde para realizar este tipo de procedimento na PB

Ana Flávia Nóbrega
ana8flavianobreg@gmail.com

Fotos: Marcus Antonius

O Hospital Metropolitano Dom José Maria Pires, em Santa Rita, recebeu a aprovação do Ministério da Saúde para a realização de retirada e transplante de coração na unidade de saúde. Antes, apenas o Hospital Nossa Senhora das Neves, em João Pessoa, era habilitado para a realização da cirurgia no Estado. O Metropolitano é o único hospital público na Paraíba que poderá realizar o transplante tanto para pacientes adultos, quanto para pacientes enquadrados como pediátricos.

A unidade de saúde foi visitada antes do início da pandemia do novo coronavírus, em março, por Fernando Figueira, representante da Câmara Técnica do Sistema Nacional de Transplantes e a liberação para a execução do procedimento foi emitida pelo Ministério de Saúde nessa quinta-feira.

Credenciado para a realização do procedimento, o hospital está, neste momento, sendo utilizado especificamente para o tratamento de pacientes contaminados pelo novo coronavírus.

Segundo Rafaela Carvalho, chefe do Núcleo de Ações e Estratégias da Central de Transplantes do Estado da Paraíba, a aprovação só foi possível porque a Central de Transplantes se reorganizou para habilitar a rede pública do Estado para novos e melhores atendimentos para a população. “Passamos por uma modificação na estrutura no requisito de gestão de pessoas a partir de agosto de 2019. O secretário Geraldo Medeiros queria algo novo e uma história nova porque éramos o Estado com o pior rendimento no Brasil. Algumas alterações foram feitas



O Hospital Metropolitano Dom José Maria Pires foi habilitado para fazer os transplantes de coração tanto em adultos como pediátricos durante quatro anos, prazo que pode ser renovado

e uns protocolos foram instituídos, com isso houve um aumento considerável e uma forte campanha pela doação de órgãos. E, de agosto para dezembro, nós conseguimos realizar um trabalho no qual fomos reconhecidos como Estado que mais cresceu no transplante de órgãos no ano em todo o Brasil”, declarou Rafaela Carvalho.

De acordo com informações, a lista de espera para o recebimento de coração está, neste momento, zerada. Mas deve receber um paciente que vem realizando exames nos próximos dias.

Rafaela Carvalho infor-

mou que a readequação do hospital não trouxe gastos para o Governo do Estado já que a reorganização possibilitou que as verbas já destinadas fossem distribuídas de uma melhor maneira. A nova medida é de extrema importância para toda a população paraibana.

“O transplante é um procedimento de alta complexidade e não é qualquer unidade que pode realizar. O Hospital Metropolitano tem uma estrutura fenomenal. A melhor estrutura de hospital público do Estado é a do Metropolitano e então decidimos torná-lo um hospital transplantador.

Passamos por todas as etapas e estamos habilitados. O hospital também é o terceiro no Brasil que poderá realizar o transplante pediátrico. Esse é um serviço a mais que poderá chegar a mais pessoas. E é um serviço do Estado, é público e quanto mais serviços públicos, mais a população é beneficiada. O Hospital Metropolitano é novo, tem estrutura de ponta, equipamentos novos, equipes capacitadas... então era algo que estava faltando. E isso é só o começo, também pensamos em ter um hospital transplantador em Campina Grande e vamos trabalhar para melhorar o serviço para

o povo”, informou a chefe do núcleo de ações e estratégias da Central de Transplantes do Estado da Paraíba.

A autorização do Ministério da Saúde valerá por quatro anos e pode ser renovada. Uma equipe médica liderada pelo cirurgião cardiovascular e diretor geral do hospital Antônio Cavalcanti Pedrosa Sobrinho, está habilitada para realizar a operação. A equipe é composta por Thiago Cavalcanti Vila Nova de Araújo, cirurgião cardiovascular; Otávio Penna Braga, cirurgião cardiovascular; Maurílio Onofre Deininger, cirurgião cardiovascular; Tiago Bernardo Nery;

Orlando Gomes de Oliveira; Daniel Marcelo Silva Magalhães, cirurgião cardiovascular; Tauanny Stephane Frazão e Silva, cardiologista; Valério Marcelo Vasconcelos do Nascimento, cardiologista; João Cabral de Carvalho Madruga Neto, anestesista; Bruno Paes Felix, anestesista; Ligia Ferreira dos Santos, anestesista; Rafael Lucas Costa de Carvalho, cirurgião torácico.

Com a pandemia, o trabalho de transplantes precisou ser removido. No entanto, ainda segundo Rafaela Carvalho, as atividades devem voltar a ser retomadas gradualmente nesta segunda-feira.

UN Informe

Ricco Farias
papiroeletronico@hotmail.com

“VAMOS NOS DEBRUÇAR SOBRE ESSE NOVO CENÁRIO”, DIZ GIUCÉLIA SOBRE PERMANÊNCIA DE COUTO NO GOVERNO

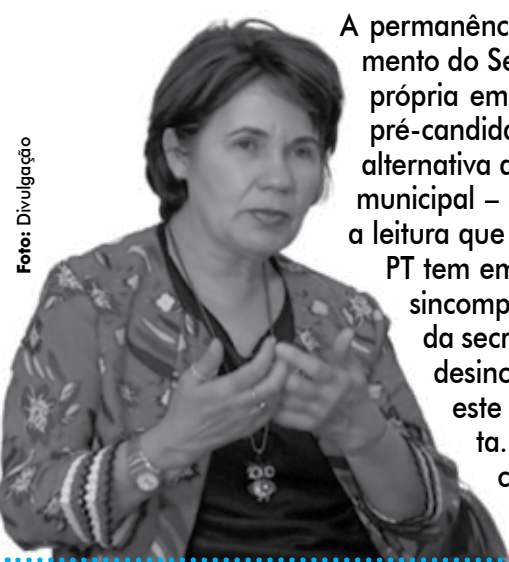


Foto: Divulgação

A permanência de Luiz Couto na Secretaria Estadual de Agricultura Familiar e Desenvolvimento do Semiárido, de algum modo, refletiu no entusiasmo do PT em ter uma candidatura própria em João Pessoa – ele era o mais cotado do partido para assumir a condição de pré-candidato a prefeito. Porém, isso ainda não desestimulou a legenda a procurar uma alternativa que mantenha acesa a chama da decisão da Executiva Nacional – e do diretório municipal – de ter um candidato para ‘chamar de seu’, como se diz, popularmente. Essa é a leitura que faço após entrevistar Giucélia Figueiredo (foto), presidente do PT da capital: “O PT tem em Luiz Couto sua grande referência. Respeitamos a decisão dele em não se desincompatibilizar. Reconhecemos o excelente trabalho que ele tem desenvolvido à frente da secretaria. Mas a direção municipal vai se debruçar sobre esse novo cenário, da não desincompatibilização dele”, afirmou. O PT poderá se coligar com o Cidadania, sendo este cabeça de chapa? – perguntei. “Esse é um debate que iremos fazer na hora certa. Participamos do governo de João Azevêdo, mas o PT tem restrições programáticas [em nível nacional] com o Cidadania. Para esse debate ocorrer, precisaremos ter o aval da direção estadual e da direção nacional”, argumentou.

A DECISÃO É IRREVOGÁVEL?

Perguntei a Giucélia Figueiredo se a decisão do PT de lançar candidatura própria em João Pessoa é irrevogável. Ela não entrou nesse mérito, mas respondeu: “A decisão foi construída coletivamente, inclusive com a participação da direção nacional. Portanto, é uma decisão consistente e já estamos dialogando com partidos do campo democrático”.

SEM CONCORRENTES

A saída de Lucas Ribeiro (PP), da Secretaria de Ciência e Tecnologia de Campina Grande, por causa do prazo de desincompatibilização, dá pistas de que ele será o candidato a vice-prefeito na chapa situacionista, independentemente de quem será o candidato a prefeito. É o único que não enfrentará concorrência, dizem.

QUASE UNANIMIDADE

Em Campina Grande, é quase unanimidade, no grupo da situação, a opinião segundo a qual a chapa a ser formada pelo prefeito Romero Rodrigues (PSD) terá, necessariamente, Lucas Ribeiro como candidato a vice. Afinal, os Ribeiros fazem parte da gestão –, Enivaldo, avô de Lucas, é o vice-prefeito – e Romero não quer melindrar a família, aliando-a do processo.

NEM TANTO ASSIM

Pré-candidato a prefeito de Campina Grande pelo PSDB, Tovar Correia disse que o grupo da situação vem dialogando sobre o processo eleitoral e que ele tem conversado muito com o deputado Pedro Cunha Lima (PSDB), deixando escapar que “com Bruno [Cunha Lima] nem tanto”. Pudera, este último é o pré-candidato do PSD a prefeito.

CONTRA A “POLITICAGEM”

Na entrega do Hospital das Clínicas de Campina Grande, o governador João Azevêdo (Cidadania) disse que, além da pandemia, o Estado vem enfrentando “a politicagem que se coloca acima das pessoas”. E deu demonstração de civilidade: “O nosso partido é o partido contra o coronavírus. Esse é o entendimento que nós temos do que é fazer política pública”.

“NOSSA PREOCUPAÇÃO É COM CAMPINA GRANDE”, AFIRMA CIENTISTA DO CONSÓRCIO NORDESTE

Do coordenador científico do Consorcio Nordeste, Miguel Nicolelis, reportando-se ao avanço da covid-19 no interior: “Estamos estudando como o covid-19 está se espalhando [pelo interior]. Nossa grande preocupação nesse momento é com Campina Grande, que está com alta taxa de ocupação de leitos. O comitê recomendou que fossem adotadas medidas mais rígidas na cidade”.

Marcelo Queiroga

Presidente da Associação Brasileira de Cardiologia

“Ainda não temos evidências do benefício clínico da cloroquina”

Cardiologista paraibano explica como age a covid-19 no sistema cardiovascular e fala sobre opções de tratamento

Beatriz de Alcântara

Especial para A União

Desde que a confirmação da covid-19 chegou ao Brasil, há cerca de três me-

ses, as informações sobre a doença são atualizadas rapidamente – o que se sabe em um dia, no outro já pode ter mudado completamente e assim por

diante. De fato, uma coisa observada desde o início é que a doença se manifesta de maneira que pode atacar os mais diversos órgãos do corpo humano,

incluindo o coração.

O paraibano Marcelo Queiroga, de 54 anos, é médico cardiologista, presidente da Sociedade Brasileira de Cardiologia,

conselheiro do Conselho Regional de Medicina do Estado e membro da Academia Paraibana de Medicina. Em entrevista para o Jornal A União, ele explicou

as manifestações do novo coronavírus no sistema cardiovascular e as implicações cardíacas que medicamentos como a cloroquina podem causar.

A entrevista

A primeira coisa a se saber sobre o novo coronavírus foi que pessoas com outras comorbidades estariam mais vulneráveis aos impactos do vírus e sua doença. Como o vírus e a covid-19 afetam os quadros de doenças cardiovasculares?

De modo geral, essas doenças enfraquecem o sistema imunológico, reduzindo a capacidade de defesa do nosso organismo. Quando pulmões são afetados pelo novo coronavírus, um coração já doente precisa trabalhar ainda mais para bombear sangue oxigenado por todo o corpo.

Pacientes com cardiopatias são também mais idosos e têm outras comorbidades, como diabetes mellitus, além disso, muitos são fumantes. Esse cenário, explica parte do motivo da mortalidade pelo covid-19 ser mais elevada entre os doentes do coração. Estima-se em 10,5% a taxa de mortalidade em pacientes infectados pelo SARS Cov 19.

É importante destacar que o novo coronavírus promove uma resposta inflamatória sistêmica que também atinge diretamente o coração levando à inflamação do miocárdio (miocardite). Esse fato se relaciona com o agravamento de número expressivo de casos.

Além de doenças cardiovasculares, a pressão alta também é considerada um fator de vulnerabilidade aos pacientes que venham a ter a covid-19. Por que a hipertensão também se enquadra como uma condição de risco? Quais as recomendações para as pessoas desse grupo?

A hipertensão promove alterações nos neutrófilos, o tipo de glóbulo branco mais numeroso em nosso corpo e que atua como nossa primeira linha de defesa diante de ameaças, como bactérias e vírus. A taxa de mortalidade em hipertensos é mais elevada do que a população geral e pode atingir 6%.

Todos os medicamentos devem ser mantidos conforme a prescrição médica de cada paciente. Esse é um momento importante para que esses pacientes tenham ainda mais atenção aos seus cuidados diários. As doenças cardíacas são enfermidades crônicas e são responsáveis por cerca de 1/3 de todas as mortes no Brasil.

O coração é um dos órgãos afetados pela covid-19 em alguns casos de complicações, independente do paciente ter ou não doenças cardíacas. Quais são os impactos que a covid pode causar ao sistema cardiovascular?

Dados recentes descrevem que o vírus pode afetar o sistema cardiovascular com manifestações diversas como injúria miocárdica, insuficiência cardíaca, síndrome de Takotsubo (miocardiopatia por estresse), arritmias, miocardite e choque. O dano ao sistema cardiovascular é provavelmente multifatorial e pode resultar tanto de um desequilíbrio entre alta demanda metabólica e baixa reserva cardíaca quanto de consequência de inflamação sistêmica e trombofilia. Os pacientes podem apresentar, além dos sintomas clássicos da covid-19 (febre, tosse, dispneia, anosmia, dores musculares), manifestações clínicas típicas de doenças cardíacas como dor no peito, palpitações, sudorese. As principais manifestações são: arritmias, isquemia miocárdica, miocardite e choque.

A cloroquina foi um dos primeiros medicamentos que se falou sobre ter resultados positivos contra a covid-19. Após alguns estudos, percebeu-se que não havia eficácia comprovada e alguns pacientes adquiriram complicações cardíacas. O que se sabe sobre o medicamento, seu uso e possíveis complicações?

A cloroquina, e a hidroxicloroquina, demonstrou ter atividade, in vitro, em reduzir a replicação viral, levantando a hipótese da sua utilidade no tratamento da covid-19. Pesquisas foram expandidas para validar o uso desse fármaco de forma mais ampla. Recentemente foi publicado um estudo no periódico inglês The Lancet dando conta que os pacientes que receberam cloroquina apresentaram maior mortalidade. No entanto, a metodologia empregada nesse estudo tem limitações para ter-se uma posição definitiva.

É conhecido o efeito da cloroquina em aumentar a duração do tempo de recuperação do coração após cada contração (sístole). O QT aumentado pode predispor a ocorrência de alterações do batimento cardíaco (arritmias) e em certas situações pode acontecer arritmias complexas associadas a morte súbita. Por enquanto, não há medicamentos ou terapias aprovadas pelas autoridades médicas e sanitárias para prevenir ou tratar a covid-19 no Brasil ou em qualquer outro país. As abordagens atuais baseiam-se em controlar sintomas, prevenir infecções e tentar evitar o avanço da doença com fármacos já conhecidos e usados para outras doenças. A cloroquina e hidroxicloroquina, o seu papel em pacientes com covid-19 ainda deve ser melhor investigado.

Qual a diferença entre a cloroquina e a hidroxicloroquina?

A hidroxicloroquina e a cloroquina são fármacos de formulações diferentes, mas que levam a cloroquina como base, então trata-se de um análogo. Seus benefícios clínicos são semelhantes, porém a hidroxicloroquina é considerada mais tolerada, com menos efeitos colaterais. O efeito imunomodulador desse fármaco é conhecido e a sua propriedade em aumentar a resposta imune fez com que seu uso fosse validado para tratar doenças autoimunes, como lúpus e artrite reumatoide, e até malária. No combate à covid-19, o papel da hidroxicloroquina seria controlar a infecção impedindo a replicação do vírus.

Ao longo do avanço da doença, debates acerca de outros medicamentos como ivermectina e azitromicina surgiram. Qual a posição em relação ao uso destes?

A posição é a mesma da cloroquina/hidroxicloroquina. Ainda não temos evidência do benefício clínico. Em relação à azitromicina, sabemos que a associação com cloroquina/hidroxicloroquina pode aumentar o risco de arritmias. Os enfermos que apresentam doenças cardíacas, renais e hepáticas devem ser acompanhados de perto quando fizer uso de medicações que prologam o QT, como a cloroquina e azitromicina.

Qual o cenário que o senhor tem percebido na Paraíba acerca de complicações cardíacas e dos efeitos do novo coronavírus no sistema cardiovascular?

Na Paraíba, como em todo Brasil, assistimos redução do atendimento em emergências cardiológicas. O medo de contrair

a covid-19 tem afastado os pacientes das emergências cardiológicas e pode estar associado a aumento de mortes em casa. O impacto do retardo no atendimento pode piorar o prognóstico desses enfermos. Não há dados publicados sobre complicações cardíacas decorrentes da covid-19 na Paraíba.

“O medo de contrair a covid-19 tem afastado pacientes das emergências cardiológicas e pode estar associado a aumento e mortes em casa.”

Também a partir da sua percepção, como está a Paraíba acerca do uso dos medicamentos, como cloroquina, ivermectina e azitromicina, no tratamento auxiliar da covid-19?

Esses medicamentos têm sido usados em diversos quadros da covid-19 com relatos de evolução favorável. No entanto, ainda esperamos os resultados de estudos mais consistentes que respaldem o seu emprego como política pública de saúde. Somente com ensaios clínicos, metodologicamente adequado, podemos ter posições cientificamente validadas sobre qualquer tratamento. Isso é válido também para fármacos de uso consagrado, como é o caso da cloroquina.

Há terapias com antivirais que também são avaliadas na covid-19 como: Remdesivir, Lopinavir-ritonavir, ribavirina e interferon. O plasma recuperado de pacientes recuperados da covid-19 também tem sido utilizado, inclusive na Paraíba. Diante de uma doença como a covid-19, onde não há tratamentos específicos com eficácia comprovada, somente a autonomia da relação médico paciente pode definir qual a melhor terapia.

O que a Sociedade Brasileira de Cardiologia tem alertado sobre o coronavírus e o uso dos medicamentos citados anteriormente?

A Sociedade Brasileira de Cardiologia somente recomenda qualquer tratamento diante de evidências científicas consistentes. Em relação ao emprego de cloroquina e hidroxicloroquina não há recomendação para o seu uso. No entanto, a SBC colabora com o Ministério da Saúde, por intermédio de parceria técnica, em relação ao monitoramento dos pacientes com eletrocardiograma para ampliar o acesso desse importante método de diagnóstico no Brasil.

Marcelo Queiroga alerta que ainda não há tratamento com eficácia comprovada contra a covid-19



Foto: Roberto Guedes

Profissionais de enfermagem contam como superaram a covid

Além de se dedicarem a salvar a vida de pacientes, essas enfermeiras também lutaram por suas próprias vidas, e saíram vitoriosas

Dina Melo
dinapereirademelo@gmail.com

A velocidade com que o novo coronavírus tem se espalhado entre os profissionais de saúde no Brasil está afastando – e matando – pessoas essenciais no combate à covid-19. No país, já são 143 mortes desses profissionais, segundo um levantamento do Comitê Gestor de Crise do Conselho Federal de Enfermagem (Cofen) divulgado em 26 de maio. Na linha de frente, enfermeiros se dedicam a salvar vidas. Não só a de pacientes, mas suas próprias vidas também. Até o dia 3 de junho, a Paraíba tinha 91 casos confirmados, 310 profissionais da área estavam cumprindo afastamento por suspeita da covid-19 e quatro morreram em decorrência da doença.

Recém-recuperadas da Unidade de Tratamento Intensivo (UTI), Aglaia e Luciana são provas do drama que é não estar no controle da própria vida quando o quadro se agrava. E, ainda assim, se saírem vencedoras.

Aglaia Bianca da Silva Cunha, 43, é técnica de enfermagem. Fala à **União** do leito da enfermaria de um hospital de João Pessoa, onde está há 70 dias – 51 deles nos cuidados intensivos. Aglaia é uma sobrevivente e está ainda mais feliz por ser terça-feira, 2 de junho, o seu último dia no hospital. Contra todos os prognósticos, venceu a batalha contra a covid e comemora ter conseguido ficar em pé e dado a primeira passada. Porém, volta para casa de cadeira de rodas.

Como todos os acometidos, começou com os sintomas clássicos. “Depois de um dia de trabalho, tive febre. Tomei remédio, passou e acordei com febre novamente. No quarto dia, fui internada. Como era 24 de março e a pandemia estava com poucos casos confirmados, achava que não passava de uma gripe”, diz ela, que fala pausadamente e com dificuldades, devido à asma crônica.

“Pensava que, se tivesse que encarar um respirador, não voltaria mais. Recebi forças e orações dos meus três filhos, dos meus cole-

gas, amigos e namorada”. Na UTI, não respondeu aos antibióticos, passou por uma traqueostomia [cirurgia que permite a passagem do ar por uma cânula inserida na traqueia] e teve as sedações interrompidas. “Em 4 de maio, meu aniversário, acordei. Dois dias depois, sofri a primeira parada cardíaca, e no dia 8, a segunda”, lembra.

Só depois desses revezes, os antibióticos começaram a fazer efeito. “Abri os olhos e reconheci onde estava. Não conseguia falar, só via, ouvia e sentia o lado esquerdo do corpo paralisado. Agora, com a terapia, estou retomando o movimento do braço direito e mexo as pernas deitada. Para quem passou todo esse tempo parada, é uma enorme vitória”, vibra.

No último dia 2, Aglaia publicou no Facebook um vídeo em que caminha do leito em direção ao meio do quarto. Passo a passo, amparada por dois colegas da equipe médica, faz o percurso e volta de ré, sob risos. Na hashtag escreveu “Começou um novo 2020 pra mim”.



Aglaia Bianca passou 70 dias internada num hospital, 52 deles numa UTI: “Começou um novo 2020 pra mim”

“Credito minha vitória ao foco, à serenidade e à fé”

Foto: Arquivo Pessoal



Um mês após ter recebido alta, a enfermeira Luciana Pianca se prepara para voltar ao trabalho

Luciana Pianca, 38 anos, é enfermeira. Começou a sentir os primeiros sintomas do vírus com tosse seca. “Com o passar do tempo, vieram as dores no tórax, que foram aumentando, além de muito cansaço e indisposição. Depois tive congestão nasal, dores nas articulações e tosse esporádicas”, lembra.

Quando o cansaço evoluiu para a falta de ar, foi hora de ir para o hospital. Lá, foi submetida a uma tomografia, que apontou comprometimento de 25% da capacidade pulmonar – indicio de pneumonia viral. A condição poderia piorar pelo fato de ela ter asma: grupo de risco. Foi o que aconteceu.

“Voltei para casa e, pouco tempo depois, nova falta de ar. Retornei ao hospital, fiz novo exame e, desta vez, a infecção atingiu até metade dos meus pulmões: fui para a UTI e submetida à ventilação não invasiva. Recebi alta no quinto dia e me recuperei até ir para casa”. Hoje Luciana resume todo o desgaste de não saber se estaria viva no dia seguinte, tal a rapidez da evolução dos sintomas.

“Você fica muito isolado, inseguro, porque lida com um vírus misterioso e ainda sem tratamento. Credito a minha vitória ao foco no tratamento, à minha serenidade e à fé”. Um mês depois, ela voltou a trabalhar e faz fisioterapia respiratória e caminhada.



Reaprender a viver

Voltar aos movimentos depois da internação exige terapia, pois o corpo perde essa “memória”.

“Dependendo do quadro clínico do paciente, dos problemas de saúde e tempo de UTI, o impacto pode ser maior ou menor sobre o sistema músculo-esquelético. Isso provoca diminuição de força, dificuldade na coordenação motora e amplitude de movimento”, lista a terapeuta ocupacional Ana Carolina de Moraes.

“Após a alta, é importante dar seguimento multiprofissional no cuidado para garantir que não se instale nenhuma condição crônica posterior”, recomenda a terapeuta.

Foto: Arquivo Pessoal



Ana Carolina, terapeuta ocupacional: é preciso cuidados após alta

Covid-19: material infectado exige cuidados no descarte

Nas residências, itens não podem ser acondicionados com outros resíduos e sim colocados em sacos identificados

Lucilene Meireles
lucilenemeirelesjp@gmail.com

O descarte do lixo hospitalar ligado às pessoas contaminadas com a covid-19 segue medidas rígidas nas unidades de saúde do Estado para evitar a disseminação da doença. Em João Pessoa, que concentra o maior número de testes positivos, o material infectado é incinerado por uma empresa contratada pelo município. Já nas casas onde há casos suspeitos ou confirmados da doença, a orientação é que os resíduos sejam acondicionados em sacos plásticos antes de seguir para a coleta regular. Até a última sexta-feira, a capital somava 5.552 casos.

De acordo com o diretor de operações da Autarquia Especial Municipal de Limpeza Urbana (Emlur), Mozart de Castro Soares, o lixo dos hospitais é processado pelo próprio hospital. “Todas as unidades hospita-

lares, públicas ou privadas, além de farmácias e demais estabelecimentos de saúde têm contrato com uma empresa que faz a incineração do resíduo gerado dentro da unidade”, explicou.

Para o lixo residencial, a orientação é que se houver morador com suspeita ou confirmação de contaminação, o resíduo de potencial infectante, como lenços, máscaras, luvas e itens descartáveis, sejam colocados dentro de dois sacos plásticos bem lacrados. Desta forma, pode seguir para a coleta junto aos resíduos domiciliares. Se houver seringa e agulha, é preciso entregar na Unidade de Saúde da Família (USF) mais próxima. Após o contato, é fundamental higienizar as mãos.

Além dos cuidados nas unidades hospitalares e em casa, quem cuida da limpeza urbana também recebeu orientações. Desde o início da pandemia, os agentes de limpeza foram informados so-

bre a importância do uso dos equipamentos de proteção e medidas de higienização. “É fornecido o Equipamento de Proteção Individual (EPI), incluindo luva plástica, bota, máscara. Orientamos deixar a bota na porta ao chegar em casa e desinfetar com água sanitária. O risco existe, mas é minimizado com esses procedimentos”, ressaltou o diretor.

Outras medidas

A Emlur segue os manuais da Associação Brasileira de Engenharia Sanitária e Ambiental (Abes), orientações da Organização Mundial de Saúde (OMS), do Ministério da Saúde, além da Secretaria de Saúde do Município. As medidas se somam àquelas já tomadas pela Prefeitura da capital, como limpeza e higienização de ruas e prédios públicos, barreiras de isolamento e instalação de pias portáteis para lavagem das mãos em mercados públicos.



Foto: Agência Brasil

Foto: Carlos Nunes



Máscaras caseiras, descartáveis, luvas e demais acessórios usados por pessoas que tiveram covid-19 ou têm suspeitas não podem ser depositados no lixo residencial, pois representam perigo de contaminação para os agentes de limpeza



Colaboração cidadã

Em relação ao lixo domiciliar infectado ou possivelmente contaminado, o promotor do Meio Ambiente, José Farias, afirmou que não adianta realizar campanhas para que as pessoas aprendam a lidar com o lixo infectado. Segundo ele, existe uma grande dificuldade para a população fazer a separação.

“Quando se fala em pandemia, envolve resíduos como máscaras, luvas, que são perigosos e não têm nada a ver com o lixo comum. Porém, não conseguimos eficiência para a coleta seletiva, separando os tipos de lixo doméstico que não

têm risco para a saúde, só para meio ambiente, imagine fazer com que as pessoas separem o que é de risco. Isso seria, do ponto de vista da educação, impossível”, opinou.

“As pessoas estão vendo o número de mortes e estão nas ruas sem máscaras. Nosso comportamento tem vários aspectos e um deles é a percepção de risco. As pessoas acham que não vai acontecer com elas. Temos o problema da falta de educação. Não é uma campanha que o Ministério Público ou o município realize que vai fazer isso acontecer, constatou.

ORIENTAÇÕES NOS HOSPITAIS

■ Os resíduos gerados pela assistência a pacientes suspeitos ou confirmados de infecção devem ser colocados em sacos identificados pelo símbolo de substância infectante;

■ Todo resíduo deve ser tratado antes da disposição final ambientalmente adequada;

■ Profissionais ou serviços de saúde podem determinar ações de prevenção e controle mais rigorosas, a partir da avaliação de cada caso e de acordo com sua realidade e recursos disponíveis.

Fonte: Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa).

ORIENTAÇÕES EM RESIDÊNCIAS

■ Se o paciente estiver em condomínio, é necessário informar ao síndico e responsáveis pelas medidas de segurança e higiene do coletor.

■ É importante obedecer aos limites de peso estabelecidos para os sacos de acondicionamento, evitando que haja rompimento.

■ Recomenda-se aos domicílios com caso confirmado de covid-19 não entregar resíduos recicláveis aos catadores para não expor esses trabalhadores ao risco.

■ Se o paciente estiver em casa, deve manter uma lixeira ao lado da cama, com saco plástico, para jogar o lixo. Ao retirar, fechar bem a sacola e só depois despejar em lixeiras comuns, seja da casa, da rua ou do prédio.

■ Manter as lixeiras com tampas fechadas e usar saco hermeticamente fechado.

Fonte: Vivian Lopes, gerente técnica de Inspeção e Controle de Sangue e Hemoderivados da Agência Estadual de Vigilância Sanitária (Agevisa/PB).

CORONAVÍRUS

COMO ELE AGE?

Ele penetra pelas mucosas da boca, do nariz e dos olhos e atua principalmente nas vias respiratórias.

COMO É TRANSMITIDO?

A transmissão acontece de uma pessoa doente para outra ou por contato próximo, por meio de:



GOTÍCULAS DE SALIVA



SECREÇÃO



ESPIRRO E TOSSE



APERTO DE MÃO

QUAIS OS SINTOMAS MAIS COMUNS?

Febre, tosse, dificuldade para respirar, perda do apetite e do paladar.



Fonte: Ministério da Saúde



Samuel Costa
PARAIBA
Governo do Estado



EMPRESA
PARAIBANA DE
COMUNICAÇÃO

Guarda compartilhada na pandemia exige bom senso

Decisões dos pais precisam levar em consideração a saúde física e mental dos filhos enquanto durar esse período

Laura Luna

lauraragao@gmail.com

Não há como não ser atingido pelas mudanças decorrentes da covid-19. E isso vem afetando a vida de filhos e pais separados. A necessidade do isolamento social tem dificultado essas relações, onde medo e muitas dúvidas prevalecem. Afinal, o que seria mais interessante nesse momento? Como fica a questão da guarda compartilhada? Para tentar encontrar a resposta há de se levar em consideração que as decisões devem ter como prioridade a saúde física e mental das crianças.

O juiz Adhailton Lacet, da Vara da Infância e Juventude, contou que os embates em relação ao tempo com os filhos nesse período têm sido constantes mas que não há nenhuma determinação específica para o momento de pandemia, ou seja, nada muda em relação a rotina da criança com cada um dos genitores.

“O que é que eu faço? a mãe não quer devolver... em outros casos as mães nos procuram pelo mesmo motivo, esses questionamentos

têm chegado com frequência à Vara da Infância e Juventude. Nós entendemos que cada caso deve ser analisado individualmente sempre levando em consideração a segurança e a proteção integral dos filhos”, falou.

O jurista disse ainda que qualquer mudança no que foi estipulado durante o processo de divórcio deve ser acordada entre as partes.

“Se a criança não apresentar nenhum sintoma, se os pais estiverem sadios não justifica qualquer alteração. Se uma das partes descumprir o acordado sem a devida justificativa, a outra parte pode acionar à justiça.”

Adhailton Lacet reforçou a importância de os pais agirem com prudência.

“Vale a coerência dos pais, não se trata de quem vai ficar mais ou menos tempo com o filho. O momento é delicado e é preciso todo o cuidado para preservar a saúde da criança e do adolescente e caso seja necessário o afastamento de uma das partes, que a criança se utilize dos recursos tecnológicos para manter esse contato com a outra parte”, informou.



Foto: Marcos Russo

Juiz Adhailton Lacet: embates sobre o assunto têm sido constantes

Relação tranquila

Fábio Asevedo, 36, é separado há oito anos e tem dois filhos, Maria Eduarda de 13 anos, e Guilherme de 9. O casal mora com a mãe e o padrasto, mas o entrevistado conta que sempre teve liberdade para estar com os filhos. “Vejo eles todas as noites e posso pegá-los sempre

que quiser, tanto nos finais de semana quanto durante a semana. Nunca tivemos nenhum problema quanto a isso”, explica. A relação com a ex-esposa é tranquila, o que facilitou o acerto durante a pandemia.

“Como estou trabalhando fiquei afastado deles. O último encontro presencial



Foto: Arquivo Pessoal

Fábio Asevedo aguarda a quarentena passar para segurança dos filhos

com os dois foi no final do mês de abril”, explica. O afastamento foi providencial, já que dias depois o analista de RH testou positivo para covid-19. “Ainda bem porque meu filho tem contato com o avô e a situação poderia ser pior”.

Passado o susto e curado da doença, Fábio aguarda an-

sioso o momento de reencontrar Maria Eduarda e Guilherme. Por enquanto, troca de carinhos só por celular. “Nos falamos todos os dias, sempre por chamada de vídeo, ligações. Tivemos que nos readaptar nesses período de quarentena mas a gente sabe que tudo isso vai passar logo e já já estaremos juntos”.

Médico orienta cuidado na hora de deslocamentos

Para Maria, 39, (nome fictício) a situação é mais delicada. A entrevistada, que pediu para não ser identificada, separou-se uma semana antes do início do isolamento social o que para o filho, de seis anos, não foi nada fácil. “Toda separação é sempre complicada e como coincidiu com a quarentena tudo se potencializou do ponto de vista da criança”. O compartilhamento da guarda foi acordada com o ex-marido e o pequeno passa uma semana com cada. Mas o período é atípico e em tempos de pandemia, a entrevistada conta que os comportamentos e posturas divergiram causando certo desconforto entre o ex-casal.

Por ser portadora de doença autoimune, desde o início da pandemia Maria não sai de casa, mas com o ex-marido não foi assim. “Apesar de também ser portador de doença autoimune ele não tomou tanta precaução, tanto que testou positivo para a covid”. A entrevistada conta que em certo momento sugeriu que ao invés de uma, o filho passasse duas semanas seguidas com cada um. “Por ser justamente o tempo necessário para o surgimento de qualquer sintoma, mas o pai não topou”, disse.

A sugestão da entrevistada, de cada um dos genitores passar mais tempo com o filho, é de fato indicada, segundo explica o infectologista Fer-

nando Chagas. “Seria mais interessante justamente por causa do período de 14 dias de incubação do vírus. Além do que diminuiria o vai e vem das crianças”. Como nem sempre é possível aumentar esse prazo de tempo, o médico orienta que os cuidados sejam intensificados, diminuindo assim a possibilidade de contágio. “Nesse caso deve ser feito um alinhamento estabelecendo horários parecidos, rotina com os banhos, cuidado com as roupas, sapatos e objetos”. É importante lembrar que a criança nesses casos é um vetor em potencial podendo contrair a doença enquanto estava com um genitor, e contaminar o outro.

Foto: Ortilo Antonio



Fernando Chagas explica que as crianças podem ser vetores do vírus e isso exige mais atenção dos pais

Comportamento

Foto: Arquivo Pessoal



Wandersonia Medeiros lembra que crianças menores compreendem menos e que cabe aos pais administrar o tempo com cada um da melhor maneira, sempre com o objetivo de promover o bem estar dos pequenos

Cada criança vai avaliar o momento de uma maneira

Para a psicologia, é preciso também estar atento à saúde mental dessas crianças. A neuropsicóloga, Wandersonia Medeiros, explica que cada caso é único e deve ser tratado como tal. A especialista relata que cada criança processa de maneira diferente o que está vivendo e que de fato, a realidade atual requer habilidade e consenso por parte dos pais. “Temos que levar em considera-

ção a idade da criança, como estava a adaptação em relação à separação antes da quarentena, como era essa divisão de tempo e como é a relação entre os pais”.

Wandersonia lembra que crianças menores compreendem menos e que cabe aos pais administrar o tempo com cada um da melhor maneira, sempre com o objetivo de promover o bem estar dos pequenos.

“Eu não aconselho o distanciamento à figura principal de apego. Se a criança passa a semana inteira com a mãe e vê o pai só nos finais de semana, por exemplo, não é interessante que ela passe 15 dias afastada da mãe”, diz em relação aos menores que ainda não compreendem de maneira clara o que se passa. “Podem até ter a sensação de abandono e consequentemente de medo e até raiva”.



Campina Grande

A segunda maior cidade da Paraíba, com 400 mil habitantes, é marcada pelo pioneirismo em diversos setores

Chico José
chicodocrato@gmail.com

Encravada nos contrafortes da Serra da Borborema, a cidade de Campina Grande, segunda maior da Paraíba, com população de 400 mil habitantes (estimativa do IBGE), é marcada pelo pioneirismo em diversos setores da atividade humana. Na comunicação, por exemplo, foi uma das primeiras do Brasil na telefonia por DDD (Discagem Direta à Distância), na década de 1970. A responsável por essa façanha foi a Telingra (Telecomunicações de Campina Grande), embrião da estatal Telpa (Telecomunicações da Paraíba), quando essa atividade era de responsabilidade do Governo Federal, por meio da Telebrás (Telecomunicações Brasileiras).

A Telingra foi uma empresa genuinamente campinense, como foi a Companhia de Eletricidade da Borborema (Celb), a Bolsa de Mercadorias da Paraíba e a Empresa de Saneamento Básico de Campina Grande (Sanesa).

Nascida com vocação mercantilista teve no comércio do algodão, a mola propulsora do seu desenvolvimento na primeira metade do século XX. Mas foi no transporte ferroviário que esse comércio se expandiu. O trem chegou à cidade em 1907. Com ele a produção algodoeira paraibana e de estados vizinhos, que era comercializada na Rainha da Borborema, passou a ser transportada por ferrovia diretamente aos Porto de Cabedelo, na Paraíba; e do Recife (PE), o mais importante do Nordeste à época.

Comunicação e educação

Bem antes da modernização dos serviços de telefonia, já se destacava na comunicação de massa. Ainda na década de 1960, por iniciativa do grupo de mídia Diários Associados, era instalada na cidade a TV Borborema, primeira emissora de televisão do interior nordestino e a primeira em território paraibano.

Na radiodifusão, as emissoras Rádio Cariri, e Rádio Borborema, foram as primeiras do interior paraibano. A Cariri, incorporada; e a Borborema, inaugurada em 1949 por Assis Chateaubriand, magnata da comunicação, natural do município paraibano de Umbuzeiro. Chateaubriand também deu a Campina Grande, seu primeiro jornal diário, o saudoso Diário da Borborema, inaugurado em outubro de 1957; e que circulou até 2012.

Na área educacional, Campina Grande se transformou desde a segunda metade da década de 1960, num polo responsável pela formação de milhares de profissionais. Em 1966 começava a funcionar a Universidade Regional do Nordeste (URNE), a primeira do interior nordestino, estadualizada em 1987. Hoje é Universidade Estadual da Paraíba, uma instituição que oferece oportunidade de formação superior aos jovens de todo o Estado.

Em 2002, o Campus II da Universidade Federal da Paraíba, que também abrigava a Pró-Reitoria de Assuntos do Interior da UFPB, foi desmembrado e transformado em Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Com a criação da UFCG, a cidade consolidou sua posição de polo educacional. Além

das instituições públicas, UEPB, UFCG e IFPB, surgiram diversas instituições privadas, ampliando o leque de opções; e atraindo à Rainha da Borborema milhares de jovens de todo o interior paraibano; de outros estados do Nordeste e de outras regiões do país.

Algodão versus turismo

O ciclo do algodão que predominou em praticamente toda a primeira metade do século XX foi o impulsionador da Campina Grande pujante dos dias atuais. É o que atesta o historiador Gervácio Baptista Aranha, do Departamento de História da UFCG. Segundo ele, esse ciclo consolidou a posição de entreposto abastecedor de diversas mercadorias a uma região integrada por mais de 50 municípios.

Na avaliação de Gervácio Aranha, que é doutor em História Social do Trabalho, pela Universidade Estadual de Campinas (SP) – a Unicamp, o algodão teve papel decisivo na economia do município, de 1915 a 1950. A partir do final dessa década, com a crise do setor algodoeiro, Campina Grande já revelava ao Nordeste sua vocação para o comércio.

Hoje, além de próspero polo comercial, Campina Grande é detentora de um vigoroso instrumental de prestação de serviço. E além das atividades comerciais, tecnológicas, educacionais e de saúde, que projetam a cidade além das divisas da Paraíba, é sede do maior evento turístico do Estado, o Maior São João do Mundo. O evento, que este ano completaria 37 anos, não será realizado neste mês, por causa da pandemia de coronavírus.

Foto: Divulgação



Na área educacional, CG se transformou num polo responsável pela formação de milhares de profissionais

Fotos: Roberto Guedes



Hoje, além de próspero comércio, Campina Grande conta com polos de tecnologia, educação e saúde, tem museus, belas praças e monumentos, além de realizar o grande evento turístico do Estado, o Maior São João do Mundo



Foto: Divulgação



Foto: Divulgação

Um dos objetivos da obra, segundo o escritor mineiro radicado no Rio, é rerepresentar personagens que agitaram a então capital do Brasil entre o fim da Primeira Guerra Mundial e a Revolução de 1930



Imagem: Divulgação

Teleporte para o Rio dos anos 1920

Em 'Metrópole à Beira-Mar', Ruy Castro resgata cidade e pessoas que foram o epicentro da modernidade brasileira há 100 anos

Renato Félix
Especial para A União

Daqui a dois anos, o Brasil vai celebrar o centenário da Semana de Arte Moderna de 1922. Para o escritor Ruy Castro, no entanto, o evento paulistano é supervalorizado. E provar isso foi uma das razões pelas quais escreveu *Metrópole à Beira-Mar* (Cia. das Letras, 504 páginas). A edição conta em detalhes todos os aspectos modernos no Rio de Janeiro – não só na cultura, mas também no comportamento e na ciência.

“Nunca me conformei com a ideia de que todo o país de 1922 fosse o atraso que se propalava e tivéssemos precisado daqueles três ou quatro gênios de São Paulo para vir nos dizer o que era ‘moderno’”, diz. “E o Pixinguinha, o Villa-Lobos, o J. Carlos, o Manuel Bandeira, o Agrippino Grieco, a Gilka Machado, o João do Rio, o Riquette-Pinto, Os 18 do Forte e dezenas de outras pessoas fabulosas, estavam fazendo o que naquela época?”.

Reapresentar esses e outros personagens que agitaram o Rio entre o fim da Primeira Guerra Mundial (1918) e a Revolução de 1930 é o outro objetivo do livro. Há nomes bastante conhecidos, mas cuja história não é tão famosa. Quantas pessoas sabem que a poeta Cecília Meirelles foi uma respeitável educadora? Ou como a parceria comercial entre Francisco Alves e Ismael Silva ajudou a estabelecer a popularidade do samba? Ou das muitas implicações do escritor Lima Barreto com quase tudo: os esportes, o Carnaval, o cinema, o banho de mar e vários colegas escritores?

Há também personalidades de que pouco se ouve falar

atualmente neste país que já é comum chamar de sem memória. É contada, por exemplo, a história de Eugenia Álvaro Moreyra, a primeira repórter do Brasil, quando o próprio conceito da função ainda era uma novidade na imprensa brasileira. Em 1914, ela se internou em um asilo para moças e escreveu uma série de seis matérias sobre as condições do local.

O escritor agora prepara uma antologia com a obra desses personagens. “Essas pessoas se integraram de tal maneira ao meu universo que estou lendo ou relendo tudo que escreveram, para uma antologia a sair pela Companhia das Letras, intitulada *As Vozes da Metrópole*”, adianta.

Ruy Castro já contou as histórias de Nelson Rodrigues, Garrincha e Carmen Miranda. Mas ele conta que um livro como esse, que busca reconstituir o máximo de um tempo específico, envolvendo o leitor em personagens e ideias, é mais trabalhoso que uma biografia.

“As pessoas podem não acreditar, mas um livro como *Metrópole à Beira-Mar* é mais difícil de fazer do que uma biografia. Na biografia, você está balizado pelo tempo de vida do personagem – tudo que aconteceu nesse período vale. Numa reconstituição histórica, como a do *Metrópole*, limitei-me a uma década, mas, por mais que eu a tenha balizado pela modernidade, há muitas decisões a tomar: Tipo: além do teatro, literatura, pintura, caricatura, música popular, cinema e outras artes, o que devo investigar? Ciência? Arquitetura? Política? Religião? Ideologia? Costumes? Moda? Feminismo? Problemas de cor? Etc., etc., etc.”, explica. “Acabei mergulhando em praticamente todos esses tópicos

– e, aí, depois de apurada uma montanha de material, vem o principal problema: como costurar tudo? Daí que, ao contrário de outros livros, como *Chega de Saudade* e *O Anjo Pornográfico*, que só me tomaram quatro meses efetivos de escrita, neste levei quase um ano escrevendo, além dos três anos de apuração”.

Ruy sempre foi a campo para colher informações com o máximo de entrevistados

que pudesse encontrar. Para *Metrópole à Beira-Mar*, foi diferente: os personagens do livro já estavam todos mortos. “Com a ajuda de uma assistente, varei digitalmente toda a imprensa da época, em grande parte pela Biblioteca Nacional, e comprei muito material físico em leilões, como revistas (para ter acesso real à parte gráfica, como aquelas capas incríveis) e, principalmente, quase todos os livros daque-

les autores – hoje tenho uma linda biblioteca de primeiras edições daquela época”.

Livros de memórias também fizeram parte da pesquisa. “Às vezes, de um livro de 300 páginas, aproveitava dois parágrafos”, conta. E também publicações que contam a história do transporte público ou da iluminação no Rio, resultando numa bibliografia de mais de 20 páginas no final da edição.



Através do QR Code acima, acesse um trecho do livro ‘Metrópole à Beira-Mar’

Paraíba marca a sua presença histórica no livro

Além de personagens, *Metrópole à Beira-Mar* reconstitui acontecimentos específicos daquela década. É o caso da conspiração que, em 1922, levou à passagem que ficou conhecida como “os 18 do forte”: um pequeno grupo de soldados (menos que 18, na verdade) que saiu do Forte de Copacabana e caminhou pela Avenida Atlântica levando até o fim seu movimento que planejava derrubar o governo federal. O episódio mostra um dos paraibanos que aparecem no livro: Epitácio Pessoa, então presidente, que decretou estado de sítio e censurou a imprensa por causa do episódio.

A Paraíba também é citada na Revolução de 1930, sempre assunto por aqui e contada do ponto de vista carioca para encerrar a obra: o assassinato de João Pessoa é brevemente recontado, mas os destaques são para a crise do governo Washington Luiz e os ataques violentos aos jornais governistas após o poder mudar de mãos na então capital federal.

Outro acontecimento narrado em detalhes é, naturalmente, a Semana de Arte Moderna de 1922. Não só o evento em si, mas também a relação que os modernistas cariocas tiveram com ele. “O fato é que os modernistas de São Paulo não sabiam nada do que estava acontecendo fora do bairro deles. O próprio Villa só foi à Semana de Arte Moderna por insistência do Ronald de Carvalho.



Fotos: Divulgação

Além dos vários personagens que marcaram a década de 1920, a cidade também é protagonista

Todas aquelas pessoas de que trato no *Metrópole* foram ignoradas por eles nesses últimos 100 anos de intensa copidescação do que aconteceu em 1922”, aponta. “Aos poucos, fui me convencendo de que o importante era mostrar o tsunami que foi a modernidade do Rio nos anos 1920, e, sem precisar dizer, isso seria suficiente para reduzir a Semana de Arte Moderna a uma espécie de ação entre

amigos, uma coisa bem de província, como foi”, analisa. “Até mesmo a Exposição do Centenário de 1922, no Rio, foi muito mais importante. Então, não é um livro contra São Paulo. É um livro sobre o Rio”.

A obra também revelou ter uma passagem assustadoramente atual, a partir do momento em que o novo coronavírus passou a se espalhar pelo mundo. O prólogo contextualiza o Rio no fim dos anos 1910 e cinco páginas são dedicadas a narrar os efeitos da gripe espanhola na cidade. Morte em massa não distinguia ricos e pobres, anônimos e famosos. Colapso no sistema de saúde. Aglomerações evitadas e isolamento social como maneira de tentar reduzir o impacto da doença.

“Semelhanças há muitas: no começo ninguém levou a espanhola a sério, o governo também não ajudou (em compensação, não atrapalhou) e o país não estava preparado”, explica Ruy Castro. “Diferenças: a Espanhola viajava de navio, a covid-19 de avião; a ciência hoje está mil anos à frente e os meios de comunicação fazem com que as pessoas saibam o que está acontecendo. Mas o maior problema é que a espanhola chegou e foi embora. Não sei se teremos a mesma sorte com a covid. Além disso, parece que a canalhice imuniza contra o vírus, não? Você já soube de alguém desse governo que tenha morrido dele?”.

Artigo | Estevam Dedalus
Sociólogo | colaborador

Bolsonaro e a aposta no caos

No Brasil é possível morrer de tudo, menos de tédio. O vírus se alastra e a todo momento surge um fato político novo. Um protesto. Uma ameaça de golpe. Uma notícia trágica. Um bang-bang entre os poderes da República. Um ato de racismo. Um ataque homofóbico. Uma violação de direitos.

Nesse contexto, o presidente Bolsonaro é um piromaniaco que, em vez de adotar uma postura conciliadora, de união nacional e proteção dos mais vulneráveis, aposta no caos. Sua política é suicida, sua psicologia o destemperado. A estratégia é criar conflito permanente. Uma mentalidade de guerra que se alimenta da produção de inimigos que vão surgindo de acordo com a conveniência: a esquerda, o STF, os governadores, a imprensa, o comunismo, a China, as universidades, os artistas, os gays, os negros, os pobres, a ciência.

Procura dividir o povo para governar (*Divide ut regnes*, dizia Napoleão). A aposta na polarização e nas tensões constantes permite, por um lado, que sua base mais fiel de apoiadores continue engajada, mas faz com que a sua aprovação geral decaia. Em parte, essa opção pode ser explicada por um traço ideológico egoísta típico do pensamento fascista: a crença de que apenas uma seleta parte da humanidade tem importância. A consequência lógica desse raciocínio é que o governo deveria governar para o benefício de poucos, garantindo assim a multiplicação de suas riquezas e privilégios, custe o que custar.

A democracia, por mais imperfeita, está fundada em pressupostos completamente diferentes. O primeiro deles é o de que não há critérios objetivos para afirmar que algumas pessoas são melhores do que outras e que, por isso, a condução do Estado e os direitos não podem ser restritos a uma classe ou grupo social, em detrimento dos demais cidadãos.

Esse princípio democrático entra evidentemente em choque com a exploração de classe, o racismo, o machismo, e outras formas de dominação social. Para o filósofo Bertrand Russell, a democracia ocidental moderna deve parte de sua força ao cristianismo. A doutrina cristã, ao estabelecer que cada alma possui um valor em si, ao

menos teoricamente, afirma ele, teria criado uma filosofia includente que valorizaria tanto os ricos como os pobres. Essa ideia é um dos arquétipos da democracia moderna e está na base de sua noção de justiça social.

Bertrand Russell ainda nos ajuda a pensar outro aspecto importante: a essência irracional do fascismo. Segundo ele, “não existe uma filosofia do fascismo, somente uma psicanálise”. O fascismo é incapaz de entregar o que promete, sua vitória seria a destruição da civilização e a generalizada infelicidade. Uma sociedade de bárbaros, loucos, sádicos e recalcados. Seja onde esse pensamento tenha assumido a forma de um regime político, ele sempre saiu derrotado. O fim último do fascismo é a aniquilação.

É com esse ímpeto de devastação que Bolsonaro aposta numa tática política de avanços e recuos autoritários, que vai aos poucos minando ainda mais uma democracia já combatida e que muitas vezes parece ser um jogo de retórica, como quando ataca os ministros do STF e diz que não vai cumprir ordens judiciais, ou quando seu filho afirma que uma ruptura institucional é questão de tempo, para logo em seguida desmentir o que disse. A cada passo atrás dado pelas forças e instituições democráticas, por medo ou omissão, avançam os tentáculos malignos do fascismo. É dever de todo democrata, vivo ou morto, se opor a isso.

Bolsonaro faz lembrar o Rei Midas que, agraciado por Baco com a realização de um desejo, pediu que tudo que tocasse se transformasse em ouro. Era óbvio, desde o início, que se tratava de uma má ideia, mas o seu pensamento turvo pela ambição não podia perceber. Diz a lenda que Midas recebeu um beijo da filha que, para sua indescritível tristeza, acabou sendo transformada em estátua de ouro. Bolsonaro da mesma forma, tomado pela mais sôfrega e vil ganância, destrói tudo aquilo que toca. Só que, ao contrário de Midas, esse não é um problema para ele. O seu alimento é o caos. O ódio e a mentira. A guerra e o terror. O seu governo é a maior ameaça à democracia brasileira desde a sua refundação em 1988.

Ele avançará inexorável, até que seja parado ou destrua a República.

Estética e Existência

Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | colaborador

Limites da maldade humana

A violência sempre cria novas formas para destruir o cidadão e uma causa é o individualismo, no qual o cidadão tem a ilusão de alcançar a própria liberdade desprovida do bem comum. A falta da sensibilidade de sentir a miséria humana conduz o cidadão a um falso conceito de democracia. Nesse egoísmo, a finalidade é satisfazer o enriquecimento, e às Leis surgem a partir dos próprios interesses, independente se o outro seja eliminado ou isolado na sociedade. O egoísmo é uma demência e tem uma fonte narcísica e um dos sintomas é o sujeito ser desprovido de afetos, desde a infância, que sempre necessita falar bem de si para os outros se tornarem submissos a ele, de forma a manter o poder e controle sobre os outros e fazer o mundo girar em torno dos seus interesses narcísicos.

O filósofo brasileiro Gerd Bornheim (1929-2002), no seu livro *Natureza do Estado Moderno* (2003), apresenta a relação entre a modernidade e individualismo. Gerd diz: “O individualismo, construído com uma lucidez inusitada, se configura como ponto de partida das modernas revoluções. Acontece que esse mesmo individualismo desencadearia também o drama maior da modernidade. Realmente a soberania do indivíduo começa a tropeçar de imediato com suas próprias fronteiras. A questão que logo se coloca está toda nesta pergunta: se a autoafirmação do indivíduo se torna tão soberana quanto autônoma, cabe perguntar pelos limites dessa nova situação; até que ponto se faz de fato tolerável essa expansão do indivíduo, que até passa a equacionar a si próprio simplesmente em termos de universo: o homem – quer se garantir agora – reflete em seu próprio corpo as proporções do cosmo. Entrementes, ocorre, por aí, que se marginaliza esse outro problema não menos essencial: se há uma matemática proporção entre o cosmo e o indivíduo, qual seria a proporção entre esse mesmo cosmo e a sociedade que congrega indivíduos? Cabe dizer, pois, que o individualismo termina por desentender-se no tema



Filósofo e compositor Jean-Jacques Rousseau

maior de suas próprias limitações. Como consegue o indivíduo, finalmente alçado à sua própria excelência, fazer de si mesmo uma realidade social? E essa pergunta configura as bases que perpassam todas as crises sociais dos tempos modernos”.

O bom governante reconhece as crises e constrói o equilíbrio de forma a organizar a harmonia social e o respeito humano no diálogo político. Nos dias atuais, as leis nascem da desunião e da brutalidade e a violência inclui à natureza do poder institucionalizada pelo Estado para destruir a dignidade e amputar a força de trabalho do cidadão. Nesse Estado autocrático, o mais importante é o lucro e a vida humana é desprezada. O governante autocrático permite o lucro ser gerado no conflito, porque a violência integra a estrutura social e determina a vida dos cidadãos. No Estado autocrático, destruir a vida ou a moral do cidadão é uma forma de determinar os limites de sociabilidade através da violência.

O filósofo e compositor suíço Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) observou o contraste que descreve a vida do corpo social a fim de questionar o poder político. Para Rousseau, a ordem social é um direito que atende a todos os cidadãos. Ele apresenta a tese de que é necessário educar a criança

de acordo com as leis da natureza para estimular seus sentidos e a razão, com interesse à liberdade e habilidade de pensar. No pensamento de Rousseau, o ser humano nasce livre e através da religião natural ele pode encontrar Deus no próprio interior humano. Rousseau era um espiritualista, desprezava as religiões tradicionais e acreditava na justiça divina e valorizava a moral. No seu livro *Do Contrato Social* (1762), ele apresenta um Estado sem corrupção e que a soberania do poder deve estar no controle dos cidadãos. E que o cidadão não deve se deixar corromper pela sociedade, porque o cidadão nasce bom e deve converter o direito natural em direito civil.

Rousseau, no seu livro *Discurso Sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens* (1755), apresenta a sua paixão pela natureza ao afirmar que os frutos da Terra é de todos e a Terra é de ninguém. E que a natureza humana é um equilíbrio entre o que se quer e o que se tem. Nessa obra, ele afirma que a maldade humana é uma criação de cada cidadão e que todo cidadão deve buscar uma vida simples em unidade com a natureza, porque a selvageria humana nasce quando o indivíduo está inserido na sociedade civil. Para Rousseau, a bondade humana surge quando o cidadão satisfaz seus desejos para a própria sobrevivência sem criar conflitos e nem de impor a sua força sobre outros cidadãos. E que os cidadãos devem manter o respeito para com todos e reconhecer a importância da boa convivência no corpo social. Uma das teses de Rousseau é de que a liberdade deve estar a serviço da necessidade do outro e que a vida em sociedade deve construir a igualdade e liberdade.

Na extensão dessa coluna, sintase convidado para a audição do 270 Domingo Sinfônico, deste dia 7, das 22h até as 0h. Busque no Google radiotabajara.pb.gov.br ou sintonize FM 105.5. Nesta edição, vamos conhecer o neoclassicismo na música erudita.

Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Raimundo tem dono

Amizade é superior ao amor. É como é um baile de sol. Ou um banho de sol, se assim explico melhor. Um bom amigo faz nos apaixonar como se fôssemos jovens, apaixonar pelas árvores, pelas misturas de pigmentos das flores e pelos gestos mais amplos, que as sacadas digitais. Esta é uma das minhas maiores paixões: amigos, nomes, música e cinema.

Não faz pouco, ia me deitar, lembrei que as pessoas diziam no passado, que o melhor amigo do homem é o cão. Deve ser pela extrema lealdade.

Um cachorro de cor champanhe, apareceu em nossa rua. Logo, conseguiu um lar, um dono, o vizinho Ulisses, irmão da nossa amiga Penha, que morreu em maio.

Ulisses não é meu amigo, bebe muito e nunca esboçou um pouco de ternura. Deu o nome de Tubarão ao cão, que de tubarão não tinha nada. Dócil, amável e logo ficou amigo do nosso cachorro Bolinha (na foto abaixo).

Nesta descoberta, nesse tempo, vez em quando, o portão da nossa casa é aberto e Bolinha, aproveita para dar uma olhada na rua (sem máscara) e cumprimentar o novo amigo. Lá estavam eles juntos, numa cachorrada da moléstia. Pareciam dois amores. Bola e Tubarão.

O cachorro adotado me parecia perdido em busca de uma coisa que ninguém por perto compreendia. Talvez por isso parecesse sempre tão bobo e calado, tão sentido, tão ausente. O seu mundo era outro. Parecia ter se perdido de seu seu dono, seu canto de dormir, sua ração. Já estava se acostumando à vida pacata da Rua Paulino Pinto...

Na sexta-feira da semana passada, ele fez uma coisa errada, entrou por trás do muro de nossa casa e veio falar com o amigo Bolinha. Eu achei o máximo a ousadia. Dois dedos de prosa e Tubarão se foi.

No sábado, minha mulher veio me dizer que o nome de Tubarão é Raimundo e que o dono apareceu. Como assim, Raimundo tem dono? Pena que não fotografei. Mundo vasto mundo, se eu me chamasse Drummond, seria um poeta, não seria uma solução. “Mundo vasto mundo, mais vasto é meu coração”.

Raimundo havia se perdido de quem mais gostava, seu dono. Das brincadeiras, dos afagos, assim como certas músicas que não conseguimos tirar da cabeça, como há memórias de que não nos esqueçamos nunca. A pandemia seguia e cão de face imperitável me olhava.

“Lembra quando ele entrou aqui naquela hora do almoço? Ele veio se despedir de Bolinha, que era amigo dele,” disse minha mulher. Isso dela dizer amigo, bateu aqui em mim.

Ela me contou que o dono ao entrar em nossa rua, por engano, (já que tem uma placa dizendo “Rua sem saída”), ele deu de cara com seu cachorro. Parou e chamou pelo nome e foi a maior festa, a alegria de um regresso, de uma boemia. Claro que Ulisses, o valentão, tipo cão que ladra, não morde, não queria entregar.

Seu dono, que não sei o nome, mostrava fotografias do cachorro em família, com os filhos e cada uma das imagens gerava em si sensações distintas, como se a fome, o espanto, os ponteiros adiantassem a hora inesperada.

Fome de viver, fome de seguir, de latir, de retornar, de rever amigos, fome que não espera, nesse país cão sem dono.

Meu pai adorava cachorros, minha mãe odiava cachorros. Tantas palavras são engolidas com um copo de água, até que o silêncio se instale.

O nome dele é Raimundo! Au!

Kapetadas

- 1 - Às vezes, a bolacha cai com a parte amanteigada para cima é a Lei de Murphy vencendo a Lei da Gravidade;
- 2 - Tá pra nascer pleonasmo que me impeça de subir pra cima ou descer pra baixo;
- 3 - Som na caixa: “Vamos passear na praça enquanto o lobo não vem”, Luiz Melodia.



Foto: Arquivo Pessoal

Colunista colaborador

Cinema

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

Há mesmo a profissão de cinema na Paraíba?

Tenho acompanhado a história do cinema paraibano muito de perto. Até tenho livros publicados sobre ele, desde os tempos em que, de fato, se faziam filmes. E, quanto a essa produção, propriamente, apenas vejo-a sob a ótica do documentário de curta-metragem, o que sempre terá sido a nossa mais fiel tradição. Uma vez que, na ficção ou nos longas, como produção local, em filme, de havia muito não existimos.

Um dos pontos a ser definido como mercado cinematográfico local, se posicionarmos o cinema de um ponto de vista profissional, logicamente esse esteve sempre vigente no tocante à sua divulgação. Isto é, no que diz respeito ao processo de exibição normal nas salas de projeção. Jamais, como profissão na realização de filmes. Daí, criar-se uma categoria “profissionais de cinema” como prática empresarial... é, no mínimo, duvidoso, equivocado.

Na Paraíba, nunca se teve ilusões de sermos, de fato, um polo de cinema. As origens de importância dessa arte sempre se deram, desde que as entendendo, em razão do seu real conteúdo inovador, ideológico, da sua verve; jamais de um formalismo, digamos, empresarial ou profissional. As poucas tentativas deram em nada. E isso, quando ainda se faziam filmes; não apenas “videoarte”.

Que duradoura empresa de cinema teve (tem) o Estado, para que possamos dizer da existência de tais “profissionais”? Especialmente, quando continua sendo notória uma simples ocupação empírica de apenas uma meia dúzia de atrelados às expectativas de um edital de fomento? Evidente, portanto, que ficaria hoje de fora



Da esq. para dir.: Gusmão, da Aquarius, em Recife (PE), e integrantes da Repsom: Ivan, Lauro e Alex Santos

a categoria de atores e atrizes, ou de um mero fotógrafo, que bem se arvorem de profissionais da mídia, sobretudo televisiva. Jamais de uma realidade verdadeiramente profissional e cinematográfica.

A arte audiovisual paraibana sempre se destacou, dentro e fora de suas fronteiras, como sendo uma arte de sugestões inovadoras e autorais, de conteúdo sério, inspiradora às novas discussões. Sempre adequando-se a um novo discurso estético, jamais com preocupação meramente empresarial. E o termo “profissão”, em cinema, requer, de fato, o mínimo de infraestrutura material e organizacional. Coisa que nunca tivemos à altura, não obstante algumas tentativas malogradas, como a Cinética de Campina Grande. Empresa criada por Jureny Machado Bitencourt, mas que nunca lhe deu uma resposta financeiro-profissional verdadeiramente. Hoje, como atividade em audiovisual, usaria uma categoria mais adequada: o *video-maker*, ou mesmo o voluntário.

E para aqueles que ainda não conhecem ou não me leram em *Cinema & Revisionismo*, lembraria da existência de algumas empresas paraibanas (de papel), que jamais vingaram. Exemplo da Cactus Produções Ltda., criada para a realização de *Fogo – O Salário da Morte*; antes dela, a Paraíba Produções, só na época de *Menino de Engenho*, além da Repsom Filmes Ltda., de Ivan de Oliveira, na década de 1970, todas elas há muitas décadas inativas.

Agora, só lembrando, há a possibilidade de um aceitável “profissional” das coisas dessa arte, na Paraíba. Vejamos, pois, o exercício usual de professor da disciplina “Cinema”, em nossas instituições de ensino superior. Esse, pode ser chamado de profissional da arte. Aquele que não é meramente um entusiasta, mas tratado como um assalariado para tanto. – Mais “coisas de cinema”, no blog: www.alexasantos.com.br.



APC: Vida e obra de seu Patrono

Academia Paraibana de Cinema - Cadeira 28, Patrono: Jureny MACHADO BITENCOURT (Ocupante: professor Pedro Nunes Filho). Jureny nasceu no Piauí, em 1941, fixando-se em Campina Grande, PB. Atuou como jornalista, fotógrafo e publicitário. Em agosto de 1974, fundou a Cinética Filmes Ltda., produziu filmes publicitários para televisão e cinema, em 16mm. Professor de jornalismo cinematográfico da URNe, realizou dois filmes de ficção: *Maria Coragem* e *O Caso de Carlota*. Juntamente com o cineasta Alex Santos, roteirizou e dirigiu o premiado documentário *Paralyba* (1985). Bitencourt morreu em João Pessoa, em 1999, onde morava desde os anos 1980.

‘Meu Espaço’

Programação traz aula de quadrinhos

Guilherme Cabral

guipb_jornalista@hotmail.com

A programação do ‘Meu Espaço’, que é realizado pela Fundação Espaço Cultural da Paraíba (Funesc), continua neste domingo, oferecendo atividades em várias linguagens artísticas. A primeira atração será às 17h, com a apresentação da performance *Pelo Mundo da Dança*, com Marina Carneiro. Em seguida, às 17h45, será exibido o espetáculo *As Aventuras de Trupizupe*, com YorranaBizai. Na sequência, às 18h15, *Magia*, com o artista circense Flávio Manzano. Às 18h30, entrará em cena a palhaça Beterraba. E, por fim, às 18h45, na área das artes visuais, o vídeo *Corage na tela – Graffiti em tempos de pandemia*, com Ítalo Tavares.

Amanhã, a programação será iniciada às 17h, com uma atividade na área das histórias em quadrinhos. Na ocasião, Tatiane Karen Gomes de Almeida ministrará a oficina *Criação de Personagens e narrativas visuais em tirinhas*. “No meu vídeo, procurei passar técnicas simples para quem faz quadrinhos ou pretende entrar nesse meio. Todas as técnicas que passei podem ser feitas em casa, com materiais que todos dispomos em casa”, explicou a artista. “Participar do ‘Meu Espaço’ é uma experiência enriquecedora e muito boa, neste momento de pandemia, pois estamos em quarentena. Enfim, foi muito bom poder contribuir,



Amanhã, Tatiane Karen ministrará a oficina ‘Criação de Personagens e narrativas visuais em tirinhas’

de alguma forma, com o isolamento social”, apontou ela.

Depois de conferir a participação de Karen Gomes, o internauta poderá assistir, a partir das 17h30, o espetáculo de dança intitulado *Milonga Virtual*, com Leo Medina Tango&Passion. Em seguida, na área do teatro, a atração será *Pupilo - Web perfor*, *Portelinha*, com Geyson Luiz. E, fechando a programação da segunda-feira, o escritor Quelyno Souza apresentará, às 18h45, *Mastigando poesia popular na quarentena*.



Através do QR Code acima, acesse o canal oficial no Youtube da Funesc

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho

hildebertobarbosa@bol.com.br

A crônica e o poema

Hoje acordei com vontade de escrever crônicas.

A crônica não seria o poema sem pretensão? Texto estendido em camadas de prosa porosa, a crônica dispensa o secreto movimento do verso e se mostra indiferente às catedrais da estrofe. Seu ritmo não possui os milímetros de precisão nem a geometria musical das palavras no segredo do poema. A crônica é escrita ao rés do chão, como disse um crítico, cuja crítica possui, por sua vez, a clareza e a legitimidade da melhor das crônicas.

O dia começa, e o sol, feito de luz e silêncio, acena para a crônica, que deve aparar seus raios febris, transformando-os em sílabas de calor e energia, para que a vida vibre seus dramas e se repita no cavalgar dos dias. A tarde, a noite, as madrugadas, tudo é tempo que passa. Todo tempo que passa é tempo de crônica. Nisto, ela também lembra o poema. Porque, como o poema, a crônica também respira lições de amor. Lições que não constam dos manuais de instrução nem das cartilhas de boas maneiras. Lições que estão, ali, entre a quietude das palavras e o sentimento do mundo que acorda, logo cedo, o cronista.

O cão, de olhar líquido e cansado, que se estira na calçada de poeira, já dá um bom suporte para a crônica. Penso também naquele vulto solitário que, esgueirando-se pelo aceiro da praça e sumindo sob a sombra das árvores, parece exibir o mistério de cada criatura. Aquele homem só pode existir na paisagem da crônica, assim como uma metáfora do impossível no possível.

Ora, existe na crônica a mulher que passa palpitando de beleza, inexplicável, indomável e desamparada como a prole de Deus e seus idiomas intraduzíveis. Essa mulher que não olha para ninguém e como que se basta a si mesma, indiferente ao desejo dos homens no anonimato das ruas e na solidão dos bares.

A verdureira, por exemplo, dispõe os tomates, as cebolas, os pimentões, as cenouras e os pepinos numa oferta de cores a que se soma a negritude de seus olhos destemidos diante da vida. A feira começa por aí, e se abre, inteira, para os sortilégios da crônica.

Um canário por um martelo; um martelo por um facão; um facão por dois cadeados e dois cadeados por um bujão. Eis a rima da crônica, cujo cheiro de peixe e de gente me leva ao mediterrâneo da pequenina poesia da feira de troca e ao mar dos seus interesses humanos. Lá, o comércio se distribui como um caleidoscópio a refletir a urgência das necessidades mais insólitas. Lá, como na célebre frase de Lavoisier, nada se cria, nada se perde, tudo se transforma. E se transforma naturalmente pelo metabolismo verbal que a crônica permite no uso ordinário das palavras.

Depois entro no bazar de miudezas para adquirir chaveiros, canivetes, dedais, alfinetes e bolas de gude a fim de completar as minhas coleções que nunca se completam: nem na vida nem na crônica. A crônica, lugar perfeito para abrigar o enigma das miniaturas. Ainda ontem dei o polimento no velho time de botão e arrumei a gaveta dos pequeninos brinquedos da infância.

Se a crônica possui alguma coisa do poema, essa coisa é a poesia. A poesia que pode ser rastreada na metafísica do instante e na fenomenologia das coisas banais. Coisas simples, coisas rasteiras, coisas frágeis, coisas inúteis, coisas humildes, coisas que ninguém vê.

O poema toca nelas com o halo sagrado das imagens raras; a crônica, com a roupa de casa e com os trabalhos e os dias de sempre, deixando-se profanar pelo odor e pelo sabor comuns do milagre que desponta, aqui e ali, pelas frinchas mais sutis do cotidiano e da rotina.



Colunista colaborador

Disputas políticas marcaram futebol da Paraíba em 1970

Clubes de Campina Grande declararam guerra contra a federação e a temporada teve dois campeonatos

Iago Sarinho
iagosarinho@gmail.com

A história do futebol paraibano é marcada por grandes rivalidades, mas nenhuma delas é tão marcante e capaz de sintetizar as dualidades do povo paraibano do que a disputa entre a capital, João Pessoa, e a Rainha da Borborema, Campina Grande. Em 1970, esse conflito entre as duas cidades chegou ao ponto de unir os rivais que fazem do “Clássico dos Maiorais”, um dos principais do Nordeste. Naquele ano, Treze e Campinense abriram dissidência da Federação Paraibana de Futebol (FPF), se negaram a disputar o certame da entidade e promoveram uma nova competição que ficou conhecida como o Campeonato “Mistão”.

A decisão de não participar do Estadual de futebol em 1970 até hoje gera controvérsias, especialmente por ela não ter sido fruto da competição em específico, mas sim de um acúmulo de desentendimentos ocorridos nos anos anteriores entre a FPF e as equipes de Campina Grande, especialmente após o Botafogo ter conquistado o bicampeonato estadual em 1968 e 1969. Esses dois triunfos do Belo e de João Pessoa encerraram uma hegemonia de oito anos do futebol de Campina Grande, onde a Raposa reinou vencendo sete títulos, seis de maneira consecutiva (1960-1965), logo após surgir para o futebol do Estado.

Além dos rubro-negros, nesse período, o Treze venceu o Campeonato de 1966, quebrando assim, uma série que poderia ter sido de oito títulos raposeiros já que a final vencida pelo Galo foi diante do seu maior rival e o Campinense voltou a vencer o Estadual em 1967. Além disso, nessa mesma década de domínio quase absoluto do futebol de Campina Grande sobre o de João Pessoa, em oito finais, o Botafogo só participou de uma.

Nas outras oportunidades, os jogos decisivos foram entre os times da Rainha da Borborema, incluindo a primeira disputa dessa série onde o Campinense venceu o Paulistano, equipe de rápida passagem no futebol local e que era oriunda do bairro Jardim Paulistano, em Campina Grande. Após esse período de furtura, o Botafogo venceu duas vezes seguidas o Treze em jogos onde houveram reclamações e insinuações de favorecimento da FPF ao time da capital.

Adalberto Alves, jornalista e cronista esportivo de Campina Grande, na época, ainda não trabalhava na cobertura jornalística dos clubes da cidade, mas já acompanhava as equipes e lembra bem do cenário de embates e questionamentos da dupla dos maiorais em relação à FPF que era presidida por Genival Leal de Menezes. Segundo Adalberto, o estopim para a ruptura e a saída de Treze e Campinense foram as divergências em relação às taxas cobradas pela federação para a participação na competição, mando de jogos e sobre a renda das partidas.

“Juntos os rivais resolveram não disputar o Estadual



Foto: Arquivo/Blog do Zezinho

Botafogo, campeão de 1970: Em pé: Paulinho, Zé Roberto, Chico Matemático, Capelense, Saulo, Marco Antonio. Agachados: Gerônimo, Lula, Walter Moreira, China e Valdinho

alegando discordâncias com o regulamento, falta de ajuda da federação e custos muito elevados para participar da disputa. Os clubes eram detentores das maiores rendas do Campeonato e sentiram que era um momento de enfrentar a FPF e assim criaram o Torneio Dagoberto Pimental que ficou conhecido como Torneio Mistão, por ser uma competição com clubes profissionais e equipes amadoras. No final das contas, nenhum dos lados saiu ganhando com essa disputa e a verdade é que o ano de 1970 foi desastroso para o futebol da Paraíba”, afirmou Adalberto.

Com a criação do Mistão, a ideia da Raposa e do Galo era esvaziar o certame oficial organizado pela FPF e impor, a partir disso, perdas econômicas à entidade, especialmente pela queda no interesse dos torcedores na disputa que perdeu, com a ausência dos dois clubes de Campina Grande, os três embates de maior renda e apelo ao público, o próprio Clássico dos Maiorais e os clássicos “Tradição” – Botafogo e Treze – e “Emoção” – Botafogo e Campinense.

Essa movimentação de duas das equipes do chamado “trio de ferro do futebol paraibano” contra a federação e o terceiro membro desse grupo – formado pelos três maiores clubes do Estado –, o Botafogo, desde o princípio gerou preocupação da crônica esportiva local. Um exemplo disso é o texto da coluna de Normando Filgueiras, veiculado na edição do jornal A União de 1 de fevereiro de 1970. Na mesma edi-

ção, o jornal trouxe a negativa do então presidente da FPF em prorrogar o prazo de inscrição para o Campeonato Estadual daquele ano. Essa ação foi o ato final da entidade em negação às alegações e solicitações de mudança no regulamento da competição que eram pleiteadas pelos times de Campina Grande.

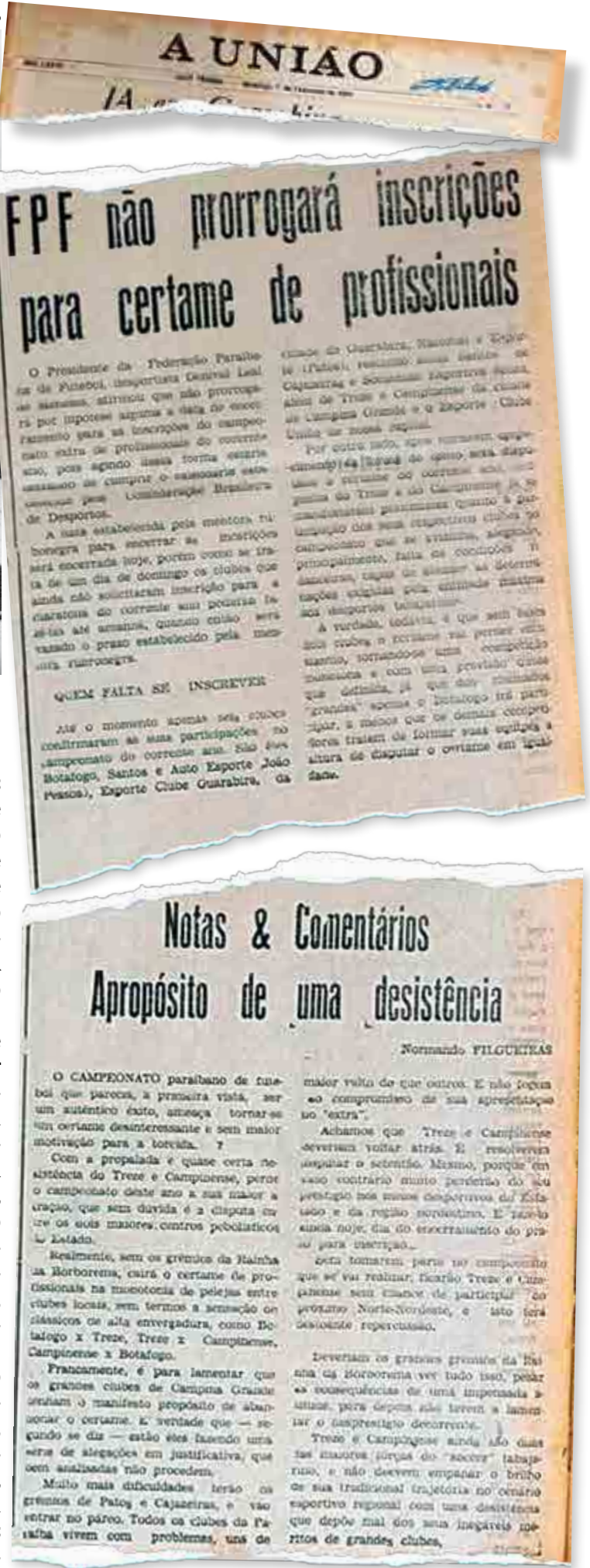
Givanildo Leal de Menezes, filho do presidente da Federação Paraibana, ainda guarda em suas memórias diversos relatos de seu pai sobre aquele período e afirma que havia, além da questão financeira, a pressão para que Treze e Campinense fossem indicados de forma direta como os representantes da Paraíba para participar do Campeonato Nacional, algo que, segundo ele, envolvia uma movimentação de forças políticas do Estado nos bastidores da FPF.

“Aquele foi um momento muito conturbado. Havia pressão política nos bastidores e quem defendesse uma vaga direta ao Campeonato Nacional para beneficiar os times de Campina Grande que ficaram sem disputar competições nacionais depois dos títulos do Botafogo. A questão das taxas que a federação cobrava foi apenas um argumento que foi utilizado para justificar a saída dos times do Estadual, pois não houve mudanças nesse sentido entre o campeonato de 1969 e o de 1970, por exemplo”, lembrou Givanildo.

Cinquenta anos depois desse episódio, as versões ainda são difusas sobre o que realmente motivou aquela disputa

que gerou duas competições simultâneas no Estado. O que se pode afirmar, é que o plano inicial de Campinense e Treze para enfraquecer o Estadual de 1970 funcionou e a disputa, ao longo daquele ano, ficou registrada, por exemplo, no jornal A União, como um campeonato de baixo público e nível técnico. No entanto, o Mistão que teve o Campinense como vencedor após uma final disputada contra o Treze, acabou também fracassando e registrando prejuízos financeiros para a dupla de Campina Grande. Por fim, para a história, o Botafogo é o único campeão estadual daquele ano, já que o clube pessoense, com a ausência dos rivais, venceu com folgas a sua terceira disputa consecutiva.

Com os resultados tendo sido negativos tanto para a Raposa e o Galo quanto para a FPF, em 1971, um denominador comum foi encontrado e, assim, clubes e federação entraram em acordo para que as equipes pudessem retornar ao Estadual. Com o Trio de Ferro restabelecido, o Paraibano voltou a mobilizar as atenções de torcedores e crônica esportiva. Nesse primeiro ano de reencontro dos três maiores campeões do Estado, afinal não poderia ser mais simbólica, pois trouxe de volta o embate entre João Pessoa com Botafogo e Campina pelo Campinense. Dentro de campo, festa rubro-negra e título de volta para a Rainha da Borborema que ainda levaria mais três troféus em nova sequência de triunfos da Raposa, incluindo mais três finais entre os maiorais entre 1972 e 1974.



Na edição do dia 1º de fevereiro de 1970, o Jornal A União registrava os problemas do Estadual, bem retratado na coluna de Normando Filgueiras



Através do QR Code acima, veja os resultados do Torneio Início oficial



Através do QR Code acima, acesse todos os resultados do Torneio Mistão



Foto: Divulgação



Foto: Divulgação



Foto: Arquivo

Adalberto Alves, radialista, fala da confusão criada por Campinense e Treze contra a FPF, bem como Givanildo Menezes, filho do presidente da entidade, Genival Leal de Menezes, já falecido

Alexsandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Os seres humanos produzem mais de dois bilhões de toneladas de lixo anualmente, segundo a Organização das Nações Unidas (ONU). O que fazer com essa montanha de resíduos é um dos maiores desafios para a sustentabilidade global. Necessidades básicas dos seres humanos, como água limpa e segurança alimentar, podem estar ameaçadas por conta da gestão equivocada desses resíduos. Alguns estudiosos chegam a afirmar que o lixo assumiu o contorno de uma calamidade civilizatória.

No dia 2 de agosto, a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS) completa dez anos de existência no Brasil. Porém, mais da metade dos 5.570 municípios do país ainda encaminha os resíduos sólidos para os lixões. Os dados são do Índice de Sustentabilidade da Limpeza Urbana (ISLU), levantamento feito pelo Sindicato Nacional das Empresas de Limpeza Urbana (SELURB) e a PricewaterhouseCoopers (PwC).

O tratamento correto dos resíduos sólidos é uma preocupação constante de especialista de todo o mundo, no sentido de evitar doenças à população e degradação ambiental. E apesar de a PNRS, criada pela Lei Federal 12.305, ter trazido atribuições e responsabilidades aos setores públicos e privados, ela é desrespeitada por muitos.

O planeta não pode virar DEPÓSITO DE LIXO

O excesso de resíduos sólidos produzidos pela humanidade e a destinação incorreta desse material ameaçam o meio ambiente e a vida na Terra

Na Paraíba, a obediência à PNRS não evoluiu, segundo o promotor do Meio Ambiente José Farias, do Ministério Público da Paraíba (MP-PB). Ele salienta que os gestores de mais de 190 municípios podem responder a processos criminais por não obedecerem a acordo firmado com a Procuradoria Geral de Justiça do Estado no sentido seguir as diretrizes da política nacional.

“A PNRS não evoluiu na Paraíba. Por irresponsabilidade dos prefeitos. Não é falta de recursos para implantar a política, porque os municípios do Estado já gastam muito dinheiro com a coleta de lixo. Para se ter uma ideia, tem um município no Litoral paraibano que gasta, proporcionalmente à sua população, quatro vezes mais mandando os resíduos para um

lixão do que João Pessoa, que envia para o aterro sanitário. O que falta é decisão política”, denunciou o promotor.

De acordo com ele, os gestores de 192 municípios paraibanos assinaram na Procuradoria Geral de Justiça um termo de compromisso de não persecução penal para que eles tivessem tempo para se adequar à PNRS. Foi dado a esses gestores um período de um ano para que mostrassem os trabalhos realizados. Como esse termo foi assinado por etapa, em alguns

municípios o prazo já terminou e em outros se expira este ano. Mas o que José Farias adiantou é que não houve muito avanço nesses trabalhos.

“O Ministério Público está fiscalizando esses 192 municípios. Há engenheiros em campo para saber se os gestores cumpriram ou não o que foi acordado. Já existem pelo menos 50 denúncias prontas, esperando a pandemia do novo coronavírus passar para que sejam enviadas para o tribunal. Quem não cumpriu será processado”, enfocou José Farias, acrescentando que os gestores podem responder criminalmente e por improbidade administrativa.

Saiba Mais

O Índice de Sustentabilidade da Limpeza Urbana (ISLU), levantamento feito pelo Sindicato Nacional das Empresas de Limpeza Urbana (SELURB) e a PricewaterhouseCoopers (PwC), mostra que a Política Nacional de Resíduos Sólidos não é obedecida pela maior parte das cidades brasileiras. De acordo com a pesquisa, mais da metade dos 5.570 municípios do país ainda encaminha os resíduos sólidos para os lixões. Isso mostra o descompromisso de muitos gestores com as diretrizes da PNRS que prevê, entre outras ações, que as cidades elaborem um Plano de Gestão Integrada de Resíduos Sólidos.

RANKING

■ Em 2019, o levantamento do Índice de Sustentabilidade da Limpeza Urbana (ISLU) contemplou 3.317 cidades de todas as regiões do país. Ao verificar o desempenho dos municípios com mais de 250 mil habitantes, a pesquisa aponta que, na Paraíba, João Pessoa aparece com 0,647 de nota no que se refere ao correto tratamento dos resíduos sólidos. Campina Grande vem com melhor desempenho, apresentando 0,678 de nota. Por regiões do país, foram analisadas 747 cidades do Nordeste, 203 do Norte, 279 do Centro-Oeste, 1.248 do Sudeste e 840 do Sul. Destas, a região Nordeste recebeu a pior nota do ISLU (0,540) no que se refere à adequação à Política Nacional dos Resíduos Sólidos (PNRS). A penúltima colocação ficou com a região Norte (0,554) e em terceiro lugar aparece o Centro-Oeste (0,578). O segundo lugar ficou com o Sudeste (0,643) e a melhor nota foi para o Sul (0,674). O ISLU foi criado em 2016 e tem a finalidade principal de mensurar o grau de adesão dos municípios brasileiros às metas e às diretrizes da PNRS.



Foto: Leopoldo Silva/Agência Senado/FotosPúblicas

A humanidade produz mais de dois bilhões de toneladas de lixo todos os anos. A maior parte não tem destinação correta e acaba em lixões a céu aberto, degradando o meio ambiente

Essas coisas

Carlos Aranha
c.aranha@yahoo.com | colaborador

Para além do espaço e do tempo

Em junho de 1989, numa conversa com Gilberto Gil, no Recife, ele me indicou a leitura de “O ponto de mutação”, de Fritjof Capra. Eu era um ignorante no assunto. Tão desinformado estava que não sabia da existência de um livro importante do autor que desafiou a “sabedoria convencional”, chamado “O Tao da Física”. Nele, Capra havia demonstrado os surpreendentes paralelos entre as mais antigas tradições místicas e as descobertas da Física do século 20.

O interesse espocou de imediato em mim porque sempre vi Gil, principalmente após o retorno do exílio em Londres, como um dos poucos compositores no planeta a compatibilizar arte, política, filosofia e ciência, fugindo do reducionismo, tão comum aos intelectuais convencionais, e assumindo a postura holística que, cá no Nordeste, tanto podia ser achada em Walter Galvão, na Paraíba, e Clotilde Tavares, no Rio Grande do Norte.

Essa geleia geral sempre foi a régua e o compasso de Gil, que absorveu os sons “heréticos” do “suíço-baiano” Walter Smeták, praticou macrobiótica por muito tempo e tornou-se amigo do

general Alfredo Moacyr Uchoa, profundo pesquisador em busca de contatos extraterrestres. Por isso, “Refazenda” foi um disco para tocar no rádio e também para os iniciados. A refazenda não é exatamente nordestina, rural, amazônica, encravada em brenha. Tanto quanto a refavela, é uma projeção cósmica estabelecida entre lamentos sertanejos, barcos das cidades e realces dos possíveis melhores lugares do mundo.

Pela confiança no autor da indicação, a primeira coisa que fiz ao desembarcar no aeroporto de Brasília, um mês após a conversa com Gil, foi ir a uma livraria e comprar um exemplar de “O ponto de mutação”.

■■■■■■■■■■

Sentado no táxi, olhei melhor para a capa azul, com sinais do I Ching, de onde Fritjof Capra retirou esta citação para abrir e dar o espírito do que viria nas mais de 400 páginas: “Ao término de um período de decadência sobreveio o ponto de mutação. A luz poderosa que fora banida ressurgiu. Há movimento, mas este não é gerado pela força. O movimento é natural, surge espontaneamente. Por essa

razão, a transformação do antigo torna-se fácil. O velho é descartado, e o novo é introduzido. Ambas as medidas se harmonizam com o tempo, não resultando daí, portanto, nenhum dano”.

No hotel, comecei a devorar o livro. Por fina ironia, tinha ido a Brasília para acompanhar a convenção que oficializaria Leonel Brizola como candidato à Presidência, em quem votaria. Darcy Ribeiro estava vivo. Ideologicamente, filosoficamente ou espiritualmente, não dava para separar Darcy e Gil. Dois grandes indígenas. Isto já é outro aspecto e agora não dá para fazer a curva. A fina ironia é que eu estava entrando no universo de uma cultura nascente (hoje, nem ainda adolescente), num hotel, de onde saía para conversar com pessoas que continuavam no reducionismo político que divide um pedaço de chão em dois lados e diz: “aqui é minha mãe, aí é a sua”... Eu estava começando a entender melhor o Brasil, que entraria em hipetranse ao eleger Fernando Collor. Era o dia, o crepúsculo e a noite.

■■■■■■■■■■

Um dos momentos mais importantes

do livro de Fritjof Capra é o das “jornadas para além do espaço e do tempo”, ao observar que “os sintomas dessa loucura cultural preponderam em todas as nossas instituições acadêmicas, empresariais e políticas, sendo a corrida das armas nucleares talvez a mais psicótica de suas manifestações”.

A psicose, trinta anos depois de Capra ter escrito o livro, hoje é maior. Além de nucleares, experimentam-se armas químicas e biológicas.

Para entender as amplitudes e reduções, bom mesmo é ler “O ponto de mutação”. Precisamos observar como anda a loucura cultural. Afinal, “nada do que não era antes, quando não fomos mutantes” (Caetano Veloso, em “Sampa”).





Estado orienta municípios na implantação da PNRS

Na Paraíba, cursos e projetos com foco na destinação correta do lixo levam formação técnica a gestores municipais

Alexsandra Tavares
lekajp@hotmail.com

A Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS) confere atribuições aos gestores públicos de direito público ou privado, responsáveis direta ou indiretamente, pela geração de resíduos sólidos e as que desenvolvam ações relacionadas à gestão integrada ou ao gerenciamento desses resíduos. Portanto, todos podem colaborar com a aplicação da legislação. Na Paraíba, a gerente executiva de Meio Ambiente da Secretaria de Estado da Infraestrutura, dos Recursos Hídricos e do Meio Ambiente (Seirhma), Vanessa Fernandes, afirmou que o Estado realiza ações que ajudam os gestores municipais nas tomadas de decisão.

Ela explicou que há uma diversidade de atividades que o gestor de cada cidade precisa empreender mas, para isso, necessita de compreensão técnica e sensibilidade para captar o que melhor se adequa ao município. “Cada um tem suas próprias características, cultura e hábitos administrativos funcionais”, completou. Por isso, o Estado auxilia esses gestores, promovendo formações técnicas, com temáticas pertinentes à PNRS. A última ocorreu em 2018 e no segundo semestre deste ano estava prevista uma nova rodada de cursos presenciais. Porém, por causa da pandemia do novo coronavírus, esse calendário deverá ser prorrogado para 2021.

Entre os trabalhos já realizados pelo Estado, Vanessa Fernandes cita que foi concluído em 2014 o Plano Estadual de Resíduos Sólidos, direcionado aos municípios e demais geradores de resíduos para que conduzissem seus próprios estudos e ações. O trabalho engloba apoio técnico aos municípios e consórcios intermunicipais da Paraíba para que haja avanço na adequação à PNRS.



Farias cobra comprometimento dos gestores



Roseana: projetos voltados aos catadores



Tânea fala sobre avanços no último ano



Vanessa ressalta projetos de apoio aos gestores

A secretária afirmou que um dos projetos que ainda está em andamento é o Programa de Estruturação da Gestão Ambiental Municipal na Paraíba (Pegam-PB), pensado a partir do Programa Nacional de Formação e Capacitação de Gestores Ambientais, instituído desde 2005, pelo Ministério do Meio Ambiente, por meio da oferta de cursos de capacitação para gestores municipais. “O Pegam se propõe a ser um programa de suporte técnico-financeiro que auxilia os municípios à implementarem suas respectivas políticas públicas ambientais, não apenas a política de resíduos sólidos”, destacou.

Segundo Vanessa Fernandes, a previsão era formatar o Pegam-PB este ano, mas esta perspectiva deve ser redefinida por conta do contexto de isolamento social devido à pandemia de covid-19. Sobre o aniversário de 10 anos da PNRS, a gerente executiva de Meio Ambiente da Seirhma declara que a política está no meio de grandes conflitos de interesses. “Os resíduos são dotados de valores econômicos e sua gestão e gerenciamento são grandes desafios sociais. Durante muito tempo, a sociedade fechou os olhos para os resíduos. O lixo nosso de cada dia era algo que ficava oculto nos grandes e pequenos lixões Brasil afora. A ausência de gestão provoca impactos ambientais imensuráveis”.

+ O papel de cada um na gestão do lixo

Licenciar e fiscalizar. Esse é um dos papéis da Superintendência de Administração do Meio Ambiente (Sudema) junto aos empreendimentos que têm a responsabilidade de dar a destinação correta aos resíduos sólidos que produzem. O órgão ainda identifica como os municípios da Paraíba tratam esses resíduos, incentivando-os a regularizar-se.

Consciente de que ainda há muito o que melhorar, a coordenadora do Setor de Resíduos Sólidos (SRS) da Sudema, Tânea Maria Maria Montenegro de Moura Meira, declara que houve avanço no último ano com relação às iniciativas das empresas no tratamento e destinação correta dos resíduos sólidos no Estado. Sem citar números, ela afirma que já existem diversas estações de tratamento de resíduos sólidos na Paraíba, incluindo galpões de triagem de recicláveis, pátios de compostagem para materiais orgânicos, aterros sanitários, públicos e privados. “Os municípios que não possuem sua própria estação de tratamento podem destinar seus resíduos para cidades próximas que possuem, e alguns já fazem isso”, acrescentou.

Coleta seletiva

Nas suas diretrizes, a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS) prevê que os catadores de matérias recicláveis sejam incluídos nos serviços de coleta seletiva dos municípios. Mas o promotor do Meio

Ambiente, José Farias, afirma que os gestores das cidades paraibanas não investem neste trabalho. “Os municípios deveriam implantar a coleta seletiva, integrando esses catadores, mas não fazem isso”, declarou.

José Farias explicou que esses trabalhadores deveriam ser capacitados e ensinar a população como fazer a separação do que é reciclável, para depois fazerem a coleta seletiva, sendo remuneradas pelo município por esse serviço. “Essa era para ser uma das primeiras ações dos municípios, mas alguns prefeitos preferem fazer apenas o aterro sanitário para tratamento de rejeito, juntar todo tipo de resíduos e colocar no aterro”.

Segundo o promotor, os catadores de material reciclável geralmente trabalham por conta própria, com equipamentos improvisados para transportar o material que recolhem nas ruas e vender a um custo pequeno aos atravessadores e associações. Ele ressalta que há uma cadeia comercial por trás desta atividade e diz que, se o material recolhido por esses trabalhadores fosse vendido diretamente às fábricas, o ganho seria bem maior.

Capacitação

De acordo com a secretária Roseana Meira, da Secretaria Executiva de Segurança Alimentar e Economia Solidária, ligada à Secretaria de De-

senvolvimento Humano do Estado, a gestão estadual realiza ações que contribuem com a capacitação dos catadores de materiais recicláveis e para a formação de associações ou cooperativas.

Esse trabalho é realizado através da Secretaria de Segurança Alimentar e Economia Solidária (Sesaes). Roseana Meira contou que desde 2019, foi posto em prática o Projeto de Fomento a Empreendimentos Econômicos Solidários Atuantes em Resíduos Sólidos no Estado.

“É um projeto social e tem por finalidade atender os profissionais de materiais recicláveis (catadores) em 37 municípios do Estado da Paraíba, que visa o empoderamento na formação de associações e/ou cooperativas, através dos empreendimentos econômicos solidário, bem como, promover bem-estar e qualidade de vida a essa categoria, que vive em situação de extrema pobreza, dentro de lixões”, enfocou.

Saiba Mais

O tratamento adequado dos resíduos sólidos em cada cidade do país pode contar com a participação de todos, seja gestor ou não. Cada um, fazendo sua parte, contribui para um planeta menos degradado. Por isso, caso a população queira denunciar alguma ação de poluição e degradação da natureza pode telefonar para a Divisão de fiscalização da Sudema pelo número 9 8844-2191.

Toca do Leão

Fábio Mozart
colaborador

Histórias macabras da escravidão no Ingá

Na quarentena, o rojão é ler e ver documentários. E arrumar as coisinhas desimportantes do nosso trivial. Estou lendo o livro “Ingá, retalhos de história, resquícios de memória”, do professor Alexandre Ferreira, uma obra que surpreende pela qualidade do texto e pelo detalhamento histórico. Já vou na página 95, e aí dei uma paradinha pra escrever o que me impressionou: nesta altura do livro, Alexandre menciona o que para muitos é lenda, fato ocorrido na Fazenda Mata Negro, em Ingá.

A historiadora Miriam da Luz e Silva colheu depoimento de Maria de Lourdes da Conceição, filha de escravas que viveu nessa propriedade no século dezenove. Ela lembra antiga história que sua avó contava sobre a então próspera fazenda, tocada por dezenas de escravos. O dono da fazenda

era Ludovico de Melo Azedo, um sujeito aparentemente muito azedo e desumano, conforme se vê adiante. Esse senhor de escravos usava um método radical para se livrar dos seus escravos velhos e doentes: mandava matar o desgraçado.

Conta a história que em determinado período, o número de escravos inabilitados para o trabalho aumentou bastante. O Ludovico teve uma ideia que só depois de muitos anos outro degenerado moral veio a repetir. Falo de Hitler em relação aos judeus e os famosos fornos crematórios nazistas. O fazendeiro desalmado ordenou que os negros velhos e moribundos encoirassem o mato seco em torno das árvores de baraúna. Depois ordenou que os escravos velhos entrassem nessas coivaras e ateou fogo, matando a todos carbonizados.

Por causa desse episódio dantesco o lugar ficou conhecido como Fazenda Mata Negro até hoje. “Morreram todos assados, agarrados aos troncos das árvores, tentando fugir das chamas que consumiam tudo ao redor”, lembra Conceição.

“Não se sabe com certeza se essa “técnica” de suplício mortal foi usada outras vezes pelo fazendeiro Ludovico de Melo Azedo. O fato é que a violência do ato marcou de tal forma a população do Ingá que até hoje, ao escutarmos o relato sobre o episódio, temos a sensação de ouvir os gritos e gemidos dos negros sendo consumidos pelo fogo. Os nomes e rostos dessas pessoas desapareceram com o tempo, no entanto seu martírio permanece vivo no imaginário do povo de Ingá”, escreve Alexandre Ferreira.

Entretanto, como a história é escrita pelos vencedores, o nome do latifundiário Ludovico de Melo Azedo é lembrado e homenageado em uma importante avenida da cidade do Ingá. Esse desatinado e cruelíssimo senhor jamais deveria ser lembrado com honra, porque cometeu crimes contra a humanidade.

Foi a própria desumanidade da escravidão que gerou movimentos de insurreição dos escravos. O caráter do colonizador, a própria mentalidade do europeu que veio para o Brasil forjaram a marca e a cara do tipo de escravidão que aqui se praticou e são as causas do país que temos hoje, injusto e altamente preconceituoso, apesar da falácia de “democracia racial”. As tragédias sociais não são obras do acaso.

Há 90 anos, decreto fazia de Princesa um Território Livre

Assinado por políticos e coronéis, documento formalizava a separação do município do restante do Estado

Júlia Corrêa

Agência Estado

Em 1930, um conflito local que envolveu políticos poderosos, coronéis, sertanejos e militares – narrado intensamente por este jornal – sacudiu a Paraíba, quase a dividindo em duas e, no contexto macro, alterou a nossa bandeira, rompeu com a República Velha e deixou 600 mortos, entre eles o governador João Pessoa (razão a partir da qual a Capital mudou de nome). Pelos seus impactos, a Revolta de Princesa é considerada a mais decisiva do século 20, em que pesem os desdobramentos históricos no Estado, com reflexos nacionais, porque está atrelada aos fatos que desencadearam a Revolução de 30.

Num dos episódios mais marcantes do conflito, em 9 de junho de 1930, a junta governativa que, então, comandava o município, assinou decreto de independência de Princesa. Era a formalização da separação do município do restante do Estado, o que já ocorria, na prática, desde 28 de fevereiro do mesmo ano.

O texto do decreto foi lido na Câmara Federal e causou grande polêmica, abrindo a primeira discussão formada sobre o chamado “caso da Paraíba”.

Com a declaração de independência, o município passou a chamar-se República de Princesa, com direito a hino, bandeira, jornal (O Jornal de Princesa), moeda e leis próprias. Veja a seguir a reprodução do documento:

DECRETO Nº 1, DE 9 DE JUNHO DE 1930

Decreta e proclama provisoriamente a independência do Município de Princesa, separado do Estado da Paraíba e estabelece a forma pela qual deve ele se reger.

A administração provisória do Território de Princesa, instituída por aclamação popular, decreta e proclama a resolução seguinte:

Art.1.º – Fica decretada e proclamada provisoriamente a independência do Município de Princesa, deixando o mesmo de fazer parte do Estado da Paraíba, do qual está separado, desde 28 de fevereiro do corrente ano.

Art.2.º – Passa o Município de Princesa a constituir, com os seus limites atuais, um território livre, que terá a denominação de Território de Princesa.

Art.3.º – O Território de Princesa, assim constituído, permanece subordinado politicamente aos poderes públicos federais, conforme se acham estabelecidos na Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil.

Art.4.º – Enquanto, pelos meios populares, não se fizer a sua organização legal, será o território regido pela administração provisória do mesmo território. Cidade de Princesa, 9 de junho de 1930. – José Pereira Lima* – José Frazão Medeiros Lima** – Manuel Rodrigues Sinhô***

(*) deputado estadual e “coronel”

(**) prefeito de Princesa

(***) presidente da Câmara Municipal de Princesa.

Fotos: Arquivo



O coronel José Pereira (na primeira foto ao alto, ao centro), ao lado dos combatentes. Logo depois, os revoltosos de Princesa, e o corpo do presidente João Pessoa (acima), assassinado em 26 de julho de 1930

O impacto do 26 de julho

Com dificuldade de conter os revoltosos, o governo paraibano autorizou a polícia a invadir casas e escritórios de pessoas suspeitas de apoiar Princesa. Numa das devassas, noticiada pelo A União em julho de 1930, o escritório do jornalista e advogado sertanejo João Dantas teve documentos íntimos apreendidos e divulgados sobre o seu relacionamento com a poeta Anayde Beiriz. Dantas escreveu críticas ferozes contra João Pessoa no Jornal do Comércio do Recife. Não satisfeito, em 26 de julho de 1930, atira e mata o presidente paraibano, que estava na Confeitaria Glória, em Recife, para um encontro com políticos.

O assassinato de João Pessoa se tornaria o estopim para a Revolução de 1930, que poria fim aos anos de República Velha (1889-1930). Os núcleos revolucionários davam uma significação social e política à tragédia. “A comoção foi enorme. Os núcleos revolucionários deram à morte de João Pessoa um sentido político que não tinha, a que se juntaram outros elementos para justificar a Revolução de 30. Na Paraíba essas narrativas foram fortemente alimentadas pelos jornais, que alçaram o governador morto a mártir. Do lado dos perdedores havia os Dantas, os aliados a José Pereira e os perrepiistas (do PRP, parti-

do de oposição), elevados a inimigos da Paraíba”, analisa Martinho.

O bisavô da historiadora Serioja Mariano foi um dos “tenentes” de José Pereira. “A aura construída em torno dele divergia da do típico coronel bronco: era um homem estudado, de modos literatos. Para muitas famílias, que o tinham como herói, ter um filho lutando era motivo de orgulho. E com o fim do movimento, Princesa, que era a terceira maior economia algodoeira do Estado, sofre um bloqueio e afunda na crise”, contrapõe.

A morte de João Pessoa calou o movimento de Princesa. O presidente da República, Washington Luiz, decidiu terminar a revolta; José Pereira não ofereceu resistência. Em agosto de 1930, o território livre foi dissolvido pelo Exército e a Paraíba pacificada. “Como no

Brasil, a maioria da população paraibana era rural e analfabeta, ficava alheia ao que acontecia. Em nenhum momento, a luta foi representativa dos interesses populares, e sim, coronelistas. São práticas que se mantêm até hoje na política, porém com outro viés, como com o clientelismo e os grupos de tradição agrária envolvidos nas decisões de governo”, arremata o historiador. Às vezes, parafraseando Lampedusa, tudo deve mudar para que fique como está.

Em nenhum momento, a luta foi representativa dos interesses populares, e sim, coronelistas. São práticas que se mantêm até hoje, porém, com outro viés

Disputa política: os antecedentes do conflito

Antes de tudo, porém, é preciso voltar no tempo e abrir o contexto. João Pessoa, ao assumir a presidência da Paraíba, em 1928, começou uma reforma estrutural político-administrativa que deslocou do interior para o litoral a hegemonia do comércio do Estado. Isso desagradou os coronéis do Sertão, que mantinham comércio com os estados vizinhos, em especial, Pernambuco. O Brasil da República Velha vivia a política do “café com leite”, em que presidentes de Minas e São Paulo se alternavam no poder por indicação.

As eleições presidenciais de 1930 se aproximavam e, na Paraíba, João Pessoa rejeitou apoiar a chapa mineira Júlio Prestes-Vital Soares, como até então se convençionava. O ato o levou a ser convidado para compor a chapa da Aliança Liberal, junto com Getúlio Vargas, e marcou o fim da “política do café com leite”. Ficou conhecido como “Nego”, imperativo posteriormente incorporado à atual bandeira estadual. “Ele não estava disposto a continuar com o esquema oligárquico que o seu tio, Epitácio Pessoa, havia articulado com as lideranças oligárquicas. As iniciativas do sobrinho descontentavam os

epitacistas: iam desde a tributação sobre o tráfego nas estradas à produção agrícola (em especial o algodão), que antes escoava pelas cidades de Triunfo e Princesa Isabel. Mas atingiram o auge quando passaram a interferir na divisão do poder local em Princesa”, explica o historiador Martinho Guedes dos Santos Neto, autor de “Regime de Interventorias – Política e Sociedade na Paraíba da Era Vargas (1930-1945)” (UFPB, 2020), no prelo. Confrontar velhas estruturas minou as bases de apoio ao seu governo e foi a ponta de lança para estourar o movimento rebelde.

Em 18 de fevereiro de 1930, João Pessoa excursionava por vários municípios a fim de obter o apoio eleitoral dos coronéis que combatia desde o início do mandato. Visitou, inclusive, os municípios de Princesa e de Teixeira, este último dominado pela família Dantas. Em Princesa foi bem recebido pelos populares e se hospedou na casa do influente coronel José Pereira. A trégua durou pouco.

“A comitiva de José Pereira, maior chefe oligárquico da região, esperava contar com o apoio de João Pessoa para aceitar as indi-

cações para deputado estadual e federal. Porém, o governador indicou os seus e se retirou”, conta o professor Martinho Guedes. O objetivo da recusa do presidente da Paraíba era barrar a candidatura de João Suassuna, que era aliado das famílias poderosas do interior. O desprezo enfureceu os coronéis, que declararam a ruptura com o governo, formalizada num telegrama assinado por Pereira.

A reação de João Pessoa veio rápida e violenta: ele ordenou a invasão de Teixeira (dos Dantas), mandou prender pessoas da família e impediu a votação lá. O mesmo ocorreria em Princesa – se não fosse a reação armada. A Revolta de Princesa começou em 24 de fevereiro de 1930. Sob o comando do coronel José Pereira, dois mil homens armados desceram a Serra de Teixeira contra a Polícia Militar do Estado. Quatro meses depois, a junta de coronéis sertanejos vencedores declarou o território livre, formou uma junta de governo, declarou a independência da cidade (que passou a se chamar República de Princesa), que ganhou hino, jornal, bandeira, moeda e leis próprias.



Acesse aqui a reportagem de 28 de fevereiro



■A importância da Revolta de Princesa para a história da Paraíba, com suas causas e consequências, já havia levado o Jornal A União a publicar uma grande reportagem em 28 de fevereiro passado, nos 90 anos da declaração do município como Território Livre. Nesse momento, lembramos a assinatura do decreto, em 9 de junho de 1930, que formalizava a independência de Princesa.

SEECT-PB empreende esforço digital para manter ensino

Da plataforma Paraíba Educa ao material impresso, tudo foi pensado para evitar prejuízos na aprendizagem

Luís Eduardo e Márcia Dementshuk
Especial para A União

Antes da pandemia, a rotina na casa das irmãs Maria Luiza Sabino dos Santos (11 anos), Camila Nayara Freire (12) e Ávani Sabino de Melo (06) começava às 5h. Depois do café da manhã, iam para a Escola Estadual de Ensino Fundamental Professora Tércia Bonavides Lins, em João Pessoa. Lá, ficavam das 7h até as 11h45. À tarde, era o momento de lazer. Quando não havia aulas de inglês ou de natação, elas relaxavam e deixavam os estudos e tarefas escolares para o período da noite. Com a chegada do novo coronavírus, essa rotina precisou ser transformada. Sem aulas presenciais em toda a Rede Estadual de Ensino, as irmãs não frequentam mais escola, mas seguem estudando sem sair de casa.

No último dia 20 de abril, a Secretaria de Estado da Educação e da Ciência e Tecnologia (SEECT-PB) anunciou a implantação do Regime Especial de Ensino para os alunos da Rede Estadual de Ensino da Paraíba. O novo modelo oferece atividades que propõem um novo significado aos processos de ensino durante o período do distanciamento social. Além disso, considera os diferentes perfis e contextos socioeconômicos no Estado da Paraíba.

A SEECT desenvolveu a plataforma online Paraíba Educa, que reúne recursos educacionais e promove o contato entre professores e alunos; insere o Google Classroom, que é uma plataforma para aulas virtuais, dentre outras ferramentas disponíveis aos estudantes.

“Quando começou essa pandemia foi um pouco difícil pra mim, afinal, deixei de fazer as coisas que eu gosto, como

me reunir com minhas amigas e encontrá-las na escolas. Mas eu venho me dando muito bem com o sistema de aulas. Para mim, as vídeo-aulas (disponibilizadas no Google Classroom) têm sido a parte mais proveitosa”, relata Maria Luiza Sabino, que está no sexto ano.

Camila Nayara também não ficou feliz com a suspensão das aulas presenciais, mas está conseguindo aproveitar as novas maneiras de estudar. “Estou utilizando tanto o celular quanto o computador para ter acesso às aulas online, que estão sendo muito boas. Eu recebo as atividades todos os dias e reservo um tempo para resolvê-las”, disse Camila Nayara.

Ensino Médio

Quem está às vésperas do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) também tem feito o possível para aproveitar as plataformas da Secretaria de Educação, como é o caso de José Simplicio da Silva Neto, estudante na ECIT Pastor João Pereira Gomes Filho, no bairro de Mangabeira em João Pessoa.

Neto sonha em ser advogado e para alcançar este sonho quer ingressar no curso de Direito na UFPB. Só que precisou adaptar a rotina para seguir estudando: “Antes da pandemia, eu passava das 7h30 às 17h00 na escola. Depois ia para uma aula extra de dança, e quando chegava em casa, fazia as atividades escolares. Quando as aulas presenciais foram suspensas eu senti bastante. Meu sono ficou desregulado, estava trocando o dia pela noite”, relata Neto.

Após a implementação do Regime Especial de Ensino da SEECT-PB, a rotina de Neto começou a voltar aos eixos. “No começo foi um pouco difícil, mas fui conseguindo me adaptar aos novos métodos e as atividades foram fazendo mais sentido para mim. Já tinha contato com o Google

Classroom, então a adaptação foi ótima. Mesmo antes de lançarem o Paraíba Educa, eu sempre gostei dos desafios diários que fazem nas redes sociais, acho bastante dinâmico. Acredito que tem ajudado muita gente pelo menos eu fui um deles!”, revela o estudante.

Materiais impressos

Dos pré-universitários aos pequeninos, o Regime Especial de Ensino envolve os 246 mil estudantes e 18 mil professores da Rede Estadual de Ensino. Além dos materiais online, a SEECT-PB disponibilizou aos estudantes conteúdos impressos para quem tem dificuldades de acesso à internet. Ávani Sabino, no 1º ano (E.F.), recebeu livros e impressões para fazer atividades sem precisar acessar computadores ou smartphones: “A professora me ensinou como fazer e todo dia eu faço”, diz Ávani.

Todos sonham com o dia em que o mundo ficará livre da covid-19; enquanto esse dia não chega, os estudantes imaginam como serão seus futuros daqui para frente. Para a pequena Ávani, o desejo é apenas um: “Quero ser bailarina”. Simplicio Neto sonha com um futuro promissor para todos os seus amigos: “Almejo e espero ter sucesso na vida, não só na minha, mas nas das pessoas que também estudam comigo, desejo que tenhamos um alinhamento do futuro, então é só confiar que vai dá certo!”, finalizou o estudante.

“A ideia dessas atividades é minimizar os impactos negativos na educação. Estamos todos aprendendo com esse processo” //



Fotos: Arquivo pessoal



Dos pequeninos aos pré-universitários, são 248 mil estudantes envolvidos no Regime Especial de Ensino na PB

+ Atividades têm características diferentes da EaD

O Conselho Estadual de Educação (CEE-PB) acompanha as ações da SEECT-PB desde o início da pandemia: formulação do Regime Especial de Ensino, parcerias para o acesso online gratuito à plataforma Paraíba Educa, formação de professores, distribuição do conteúdo impresso e online, esforços para alcançar a todos os estudantes da rede pública.

O presidente do CEE-PB, Carlos Enrique Ruiz ressalta a sensibilidade do secretário da SEECT, Claudio Furtado, para temas como a atenção prioritária às comunidades escolares com mais dificuldades de acesso à equipamentos e à Internet. “A SEECT empreende um regime de colaboração com todos os envolvidos em educação - professores, gestores, sindicatos, parlamentares, serviços e instituições de apoio - no que se refere a aprendizagem nesse período de pandemia”, avalia Carlos Enrique.

Uma precaução a ser considerada é a diferenciação entre a Educação à Distância (EaD) e a realização de atividades pedagó-

gicas não presenciais. “A EaD é realizada online e prevê momentos presenciais. As atividades pedagógicas não presenciais não exigem ferramentas digitais, embora seja um recurso muito bom. Mas o principal objetivo é estabelecer um vínculo entre as escolas, as famílias e os estudantes. Ou seja, o que a educação estadual propõe não se trata de uma abertura para EaD, mas sim um esforço para não interromper a transmissão do conhecimento”, enfatiza Carlos Enrique.

Por estas e outras razões, as medidas de atividades pedagógicas não presenciais são amparadas pelos Conselhos Estaduais de Educação. Estudos da UNESCO apontam que o lapso de tempo no relacionamento entre estudante, família e escola pode apresentar retrocessos cognitivos graves. Além disso, há o risco da e vasão. “A ideia dessas atividades é minimizar os impactos negativos na educação. Estamos todos aprendendo com esse processo”, salienta Carlos Enrique.

Acrescenta-se na análise o fator emocional. A sociedade

sofre uma situação sem precedentes confrontando a diminuição da renda, a convivência em casa, uma série de restrições. Se os gestores e professores não tiverem sensibilidade para compreender o estresse psicológico que, em certa medida, as pessoas estão vivendo, qualquer programa de ensino tenderá ao fracasso. As atividades não devem sobrecarregar os alunos nem suas famílias.

Nesse contexto, os Conselhos de Educação consideram inadequado transpor uma aula presencial para uma atividade pedagógica não presencial, tanto em termos de conteúdo quanto de carga horária. “É preciso entender esse outro tempo que vivemos por conta da pandemia. As características de transmitir o conteúdo online são diferentes. O estudante está em frente a uma tela que emite luz, exige esforço de visão, de concentração. O relacionamento estudante/professor nessas condições não pode fragilizar ainda mais os estudantes que estão passando por esses momentos difíceis”, orienta Carlos Enrique.

Desafio para o professor

A data de retorno às aulas presenciais ainda não está definida. Segundo o secretário da SEECT, Claudio Furtado, isso apenas ocorrerá quando houver segurança sanitária e de saúde para toda a comunidade escolar. Enquanto isso, com a experiência surgem novos estudantes que normalmente estão do outro lado da bancada: os professores. Eles relatam que o contato com as ferramentas digitais exige empenho até serem dominadas.

Tutora de uma turma de 154 professores para o treinamento na plataforma Paraíba Educa, a professora Paula Priscilla Gomes, em Guarabira, informou que o processo impactou de forma positiva os professores. “A dificuldade maior é a prática. Esse momento nos fez refletir sobre a importância das tecnologias. Nós pensávamos que dominávamos a tecnologia. Esse curso nos mostrou que não sabemos usar muitos recursos digitais e que precisamos constantemente aprender”.

Mesmo com as dificuldades - falta computador, falta acesso à Internet, falta celular - os dados do Paraíba Educa registraram, nas primeiras semanas de implantação da plataforma, a participação frequente de 42% dos estudantes no Google Classroom. Essa ferramenta é usada pelas turmas do sexto ao nono ano do Ensino Fundamental, pelas turmas do Ensino médio e para o Ensino de Jovens e Adultos. Os especialistas em processos de inovação consideram esse percentual positivo, tendo em vista a mudança de hábitos que está em jogo e que a transformação digital é um processo lento.

“Esse curso nos mostrou que não sabemos usar muitos recursos digitais e que precisamos constantemente aprender” //



Foto: Antônio David

Sob o céu nordestino da Parahyba do Norte

No final da década de 1920, o paraibano Walfredo Rodriguez registrava as primeiras imagens em movimento do nosso Estado e chamava a atenção do país

Luciene Meireles

lucilenemeirelesjp@gmail.com

“O Nordeste, região malsinada da terra brasileira, vez por outra assaltada pelo terrível ‘flagelo da seca’, apresenta-se no julgamento do brasileiro sulista ou do estrangeiro que o desconhece como território inculto e selvagem povoado de índios e abundante de animais exóticos. (...) Entretanto, bem diversa é a impressão de quem conhece ‘de visu’ essa região”. O trecho, que enaltece as terras nordestinas, compõem duas das várias cartelas da primeira parte do filme “Sob o céu nordestino” (título escrito segundo o português da época), de 1929. Ele é considerado uma das mais importantes produções de Walfredo Rodriguez, pai do cinema paraibano, ainda no período silencioso. A vida profissional do documentarista ainda inclui trabalhos voltados à fotografia.

Ele tinha apenas cinco anos quando assistiu as primeiras imagens em movimento. Era uma produção dos irmãos Lumière que despertou no menino o interesse pelo cinema e que o levou a tornar-se personagem-símbolo da cinematografia paraibana do início do século XX. A explicação é do cineasta e professor do Departamento de Mídias Digitais da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Lúcio Vilar, em sua tese de doutorado intitulada “O primeiro cineasta”, publicada em 2015.

A saga de Rodriguez para fazer as filmagens de “Sob o céu nordestino”, está entre as curiosidades citadas no trabalho de Lúcio Vilar. Ele percorreu cerca de 10 mil quilômetros para rodar 2.080 metros de película sobre a então Parahyba do Norte, entre 1924 e 1928. A obra entrou para a história como o longa-metragem produzido no Estado que teve a maior projeção nacional na época. A matriz, enviada a Paris para ganhar sonorização, acabou extraviada.

Na obra “O discurso cinematográfico dos paraibanos - A história do cinema/da Paraíba”, o autor Wills Leal, falecido recentemente, reforça que “Sob o céu nordestino” foi uma obra onde o autor pretendia mostrar ao Sul que o Nordeste não era só miséria. “Pretendia rebater as críticas dos seus amigos da ‘Federal Filme’, do Rio, de que na Paraíba não existia nada civilizado, de que por aqui nem se comia direito, que os índios atacavam as pessoas nas cidades”, diz um trecho.

Durante os quatro anos de filmagens, o filme apareceu nas páginas de vários jornais. No Jornal A União, por exemplo, foi citado em reportagem de Carlos Dias Fernandes, na edição de 5 de novembro de 1924.

Descoberta de “Reminiscências de 30”

Uma das grandes surpresas durante a fase de pesquisas para a tese foi a descoberta do filme em curta-metragem “Reminiscências de 30”. O material, segundo Lúcio Vilar, estava guardado pela família na residência de um dos netos do cineasta, e permite conhecer um pouco mais do trabalho realizado por ele.

Para Vilar, a obra de Walfredo vem antes do famoso “Aruanda”, de 1960, roteirizado e dirigido pelo cineasta Linduarte Noronha. “Entre fotografias perdidas e um personagem ofuscado pela história, coube-nos, enquanto pesquisador, reposicionar dados e fatos e desfazer a imprecisão tornada ‘lugar comum’, qual seja, de pensar o cinema paraibano, exclusivamente, a partir do advento de Aruanda”, observou.

Foto: Arquivo do Jornal A União



Walfredo Rodrigues foi responsável também por uma série de fotos históricas da capital

Foto: Sob o Céu Nordestino



Cena da pesca da baleia, na cidade portuária de Cabedelo (PB), captada no final dos anos 20

Participações como operador em curtas-metragens silenciosos (1913 a 1930)

- Filme “Jornal do Brasil... Um pouco de tudo”
- Chegada do Presidente Eleito à Parahyba (1924)
- Praça Venâncio Neiva (ano incerto)
- Danças de coco praieiro - 1924
- Carnaval pernambucano e paraibano - 1923
- Sob o céu nordestino - 1929
- Reminiscências de 1930 – 1930



Aponte a câmera do seu celular para o QR Code ao lado e assista a um trecho do filme “Sob o Céu Nordestino”

+ Pioneirismo e várias produções

O cineasta Walfredo Rodriguez foi pioneiro ao registrar, nos anos 20, a primeira imagem em movimento da Paraíba, tanto sobre particularidades da capital paraibana, como da pesca da baleia, no Porto de Cabedelo. Além de “Sob o céu nordestino”, outra obra conhecida do cineasta foi “A pesca da baleia nos mares do Nordeste”. Ambos fazem parte dos chamados filmes de costumes. “Walfredo Rodriguez sintetiza a raiz, a gênese do cinema paraibano no início do século XX, daí sua importância, pois foi quem deflagrou o ciclo das primeiras práticas cinematográficas. Ele fundou as bases de nossa cinematografia no código documental. Nunca fez ficção, diga-se”, destacou Lúcio Vilar.

No livro “O discurso cinematográfico dos paraibanos”, Wills Leal ressaltou que, apesar de toda a importância do cineasta para o cinema paraibano e nacional, o nome de Walfredo Rodriguez só passou a ser conhecido pelas novas gerações a partir de 1960. Entre as homenagens que recebeu, Walfredo Rodriguez dá nome ao Museu Fotográfico da Casa da Pólvora, situada no Centro Histórico de João Pessoa.

Nascimento e morte

Walfredo Rodriguez nasceu em 2 de maio de 1893 e, segundo Lúcio Vilar, teve uma infância incomum para uma criança de sua época, convivendo entre artistas, fotógrafos, escritores e jornalistas. Seu pai, Emiliano Rodriguez Pereira, era arrendatário de um botequim no Teatro Santa Roza que, entre 1910 e 1920, funcionou como cinema, concentrando manifestações artísticas e culturais. Na fotografia, os primeiros passos foram aos 16 anos. O fotógrafo e cineasta faleceu aos 80 anos de idade, em 1973.

Depoimentos

“Tinha uma grande preocupação com a memória da cidade”

Quando ouço falar em cinema paraibano, as primeiras figuras que me vêm são Walfredo Rodriguez e Linduarte Noronha. Na minha dissertação de mestrado sobre a história da fotografia, publicada pela União, tem um capítulo só sobre ele que, para mim, foi muito mais fotógrafo do que cineasta. Tinha uma grande preocupação com a memória da cidade. Guardou muitas imagens do século XIX e, graças a ele, estão preservadas. Em seu livro ‘Roteiro sentimental da cidade’, detalha a vida cotidiana da cidade da Parahyba no final do século e início desse século. Nos anos 20, trabalhou para a revista Era Nova, que circulou entre 1921 e 1925. Era responsável pela parte da imagem, super avançada em termos de qualidade gráfica. É personagem fundamental para o cinema, fotografia e memória da Paraíba, e precisa sempre ser festejado //



Foto: Saullo Dannylyck

“É uma pena que muita gente não conheça essa história”

O tamanho dele é muito maior do que qualquer fala. Ele é fundamental. Foi quem abriu as lentes para documentar, nos anos 20, momentos importantes da história da Paraíba. Sem ele, o cinema paraibano não teria começado, teria ficado mais para a frente. Por pena, por grande azar, boa parte de ‘Sob o céu nordestino’ foi perdida, mas acabou sendo recuperada em Paris uma parte do negativo do filme. Assisti um fragmento do material dele. É uma pena que muita gente não conheça essa história //

Marcus Vilar - cineasta

(sobre parte do filme de Walfredo que foi recuperado anos depois em Paris)



Foto: Therclles Silva

“Dependemos de edital e está tudo paralisado”

De certa forma, interrompida com a pandemia, sim, mas estamos tocando o barco dentro do possível nessa fase. Se a previsão era para esse ano, agora só podemos pensar para 2021, até porque dependemos de edital e está tudo paralisado //

Lúcio Vilar - jornalista, documentarista e professor do Departamento de Mídias Digitais da UFPB. (a respeito do documentário sobre Walfredo Rodriguez, que estava programado para este ano)



Foto: Arquivo pessoal

Jornalista e escritor com gosto pela polêmica

Hilton Gouveia
hiltongouveia@uol.com.br

Severino Ramos Pedro da Silva, mais conhecido como Biu Ramos, teve sua carreira profissional marcada pela atuação em emissoras de rádio e em jornais impressos locais e nacionais. Trabalhou durante 14 anos para o jornal *Correio da Paraíba*, onde ascendeu, profissionalmente, e exerceu diversos cargos como repórter, colunista, chefe de reportagem, secretário e editor. Também foi Superintendente de A União e colunista do jornal *O Norte*, estreando com a polêmica coluna “Linha Direta”, publicada aos domingos.

Biu Ramos foi o primeiro correspondente do *Jornal da Brasil* na cidade de João Pessoa (1965-1975). Ele também trabalhou para a *Folha de S. Paulo* e as revistas *Realidade*, *Veja* e *Fatos e Fotos*. Entre os cargos de direção assumidos se destacam o de primeiro diretor da sucursal do jornal *Diário*

de Pernambuco na capital paraibana. Além disso, foi ainda diretor-geral do Jornal A União duas vezes, sendo a segunda seu último cargo público.

Em 1967, Biu Ramos se tornou o primeiro chefe de redação da Secretaria de Comunicação do Governo da Paraíba. Na função, ele estruturou a comunicação institucional. Nos tempos em que o prefeito da capital era indicado pelo Governador do Estado, o jornalista foi convidado para fazer parte da Assessoria de Imprensa da prefeitura de João Pessoa, durante o mandato de Hermano Almeida.

Depois, no segundo governo de Tarcísio Burity (1987 a 1991), Biu Ramos exerceu o cargo de secretário de Cultura Esportes e Turismo da Paraíba. Uma vez, Biu lembrou essa época e demonstrou admiração pelo ex-gestor. “Eu tinha uma admiração especial por Tarcísio Burity, um dos homens públicos mais corretos e honestos da Paraíba, além de possuir grande capacidade administrativa e ser um intelectual brilhante”.

Saga de Biu Ramos começou na adolescência

Em 24 de agosto de 1954, Biu Ramos escreveu um artigo e esperou a oportunidade de entregá-lo ao *Correio da Paraíba*. Era o dia da morte do presidente Getúlio Vargas, Como as aulas foram suspensas, ele foi à empresa e entregou seu texto ao secretário do jornal. Dois dias depois, publicaram o artigo. Biu se empolgou e começou a escrever como colaborador.

Posteriormente, aconteceu um fato inusitado, contado por Biu Ramos ao jornalista Gabriel Botto, em 2017. “Eu tinha ido ao *Correio* entregar meu artigo. Lá, encontrei o editoralista do jornal, o promotor de justiça Ivaldo Falconi. E o doutor Ivaldo não sabia datilografar. Só escrevia à mão, embora elaborasse artigos enormes, que ocupavam uma parte do jornal. Era umas seis horas da noite, quando Falconi entrou na redação, dizendo para o secretário Expedito Silva: “Preciso de um datilógrafo, porque estou apressado e muito atrasado, pois tenho um compromisso ainda

Deste modo, aos 17 anos de idade,

Biu iniciou sua vida profissional

no *Correio*, em 1954. Uma vez

obtido o suporte financeiro

ao qual pretendia, ele saiu,

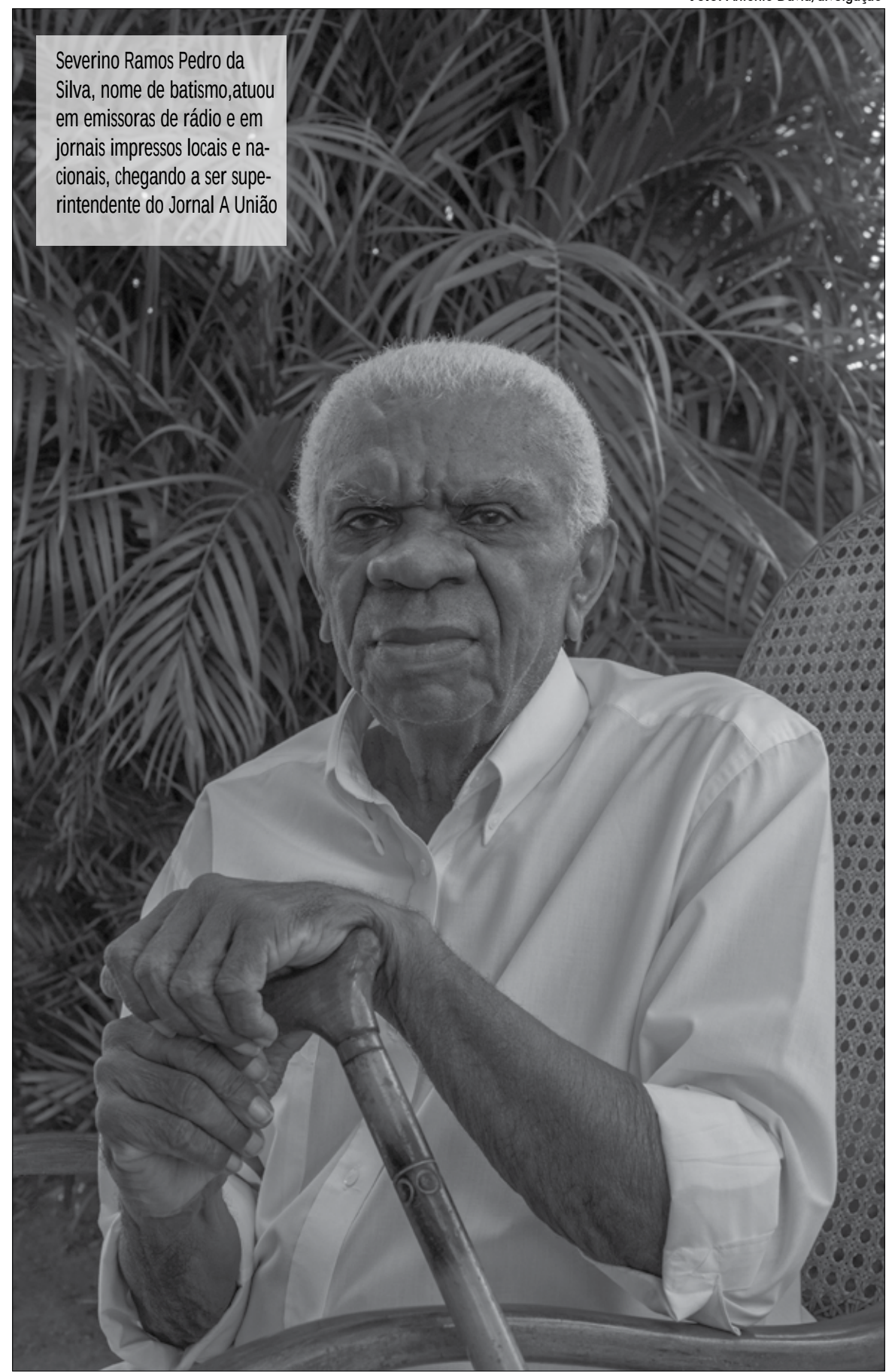
espontaneamente, da Escola

Industrial e se matriculou no Lyceu

hoje à noite”. Ai Expedito respondeu:

“Se quer um datilógrafo de primeira, pegue esse aí, e apontou para mim”, disse ao colega.

Segundo o relato contado a Botto, Biu se sentou diante da máquina de escrever e Falconi lhe ditou o artigo de duas laudas e meia. Nessa época, Biu já era um datilógrafo muito ágil.



Severino Ramos Pedro da Silva, nome de batismo, atuou em emissoras de rádio e em jornais impressos locais e nacionais, chegando a ser superintendente do Jornal A União

Foto: Antônio David/divulgação

Procurador do Estado e escritor

Na área acadêmica, Biu Ramos formou-se em Direito, pois na época não havia curso de Jornalismo. Em suas conversas, Biu evocava esses tempos. “Eu tinha muita vocação também para Direito, achava o curso muito bonito. Depois, fiz um concurso para Procurador do Estado. Ai Burity me nomeou procurador do Estado e foi minha aposentadoria, né?”, riu ao contar. “Um desfecho muito bom”, acentuou depois.

A nomeação de Biu Ramos como procurador aconteceu já no final do segundo mandato do Tarcísio Burity. Admiração de Biu para com o governador ainda tinha outros fatos curiosos que o próprio jornalista costumava lembrar. “Ele foi o meu professor da Faculdade de Direito. E aí aumentou a minha admiração por ele”. Biu Ramos afirmou também que nas campanhas políticas se oferecia para ajudar, por simpatia, a Burity.

Como escritor, Ramos chegou a publicar oito livros, entre eles *Crimes que abalaram a Paraíba* (dois volumes), que trata de fatos polêmicos como a morte de João Pedro Teixeira, líder das Ligas Camponesas em Sapé. Essa obra Biu Ramos considerava uma de suas criações mais marcantes. Também publicou *Memórias de um Repórter*, *Arca dos Sonhos – Mocidade e outros heróis*, *A Verdade de cada um*, *Era uma vez um boêmio – histórias e fantasias de mesa de bar*, *João Agripino – O Mago de Catolé*, *Paulo Pontes – Vida e paixão* e *Burity – Esplendor e tragédia*.

Origem humilde
O jornalista, escritor e advogado Biu Ramos nasceu no dia 19 de agosto de 1938, em Usina e Destilaria São João, em Santa Rita, Região Metropolitana de João Pessoa. Curso o primário na escolinha da empresa. Mas, ficou um período sem estudar, porque seus pais não tinham condições financeiras de pagar o ônibus para que ele pudesse frequentar colégios na capital.

Por ter uma desventura acima do comum, Biu Ramos atraiu a atenção do proprietário da usina, o escritor e empresário Odilon Ribeiro Coutinho. Foi quando ganhou dele uma bolsa de estudos que, no pacote, incluía o pagamento do transporte escolar. Então, matriculou-se na Escola Industrial de João Pessoa (atual IFPB), no curso de Mecânica, do qual não gostou.

Biu Ramos, na verdade, sempre nutriu a vontade de escrever como jornalista. Desde a época em que era aluno secundarista, guardava um dinheirinho, no final da semana, para comprar jornais do Rio de Janeiro, Recife e de João Pessoa, a exemplo do *Correio da Paraíba* e do Jornal A União. Sua sede de ler era insaciável.

Família e filhos

Ao morrer, em 28 de julho de 2018, deixou três filhos do primeiro casamento com Helena Cruz e dois do segundo matrimônio com a psicóloga Lúcia Sá. O jornalista faleceu em João Pessoa, no Hospital Memorial São Francisco, aos 79 anos de idade. O motivo da morte seria complicações agravantes de pneumonia. O seu corpo foi velado numa manhã de domingo, no prédio da Assembleia Legislativa da Paraíba.

Foto: Arquivo do Jornal A União



Biu Ramos escreveu oito livros, entre os quais alguns polêmicos como “Crimes que abalaram a Paraíba”

Angélica Lúcio

angelicallucio@gmail.com

Quantos jornalistas negros você conhece?

A pauta é racismo. Quantos jornalistas negros você conhece? Quantos ocupam lugar de destaque na imprensa, especialmente em programas de TV? Uma enquete realizada com 2.731 jornalistas brasileiros em 2012, mostrou que a maioria é branca. O levantamento foi feito pela Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) com o objetivo de descobrir o perfil do jornalista brasileiro.

Quando estratificados em relação à cor/raça, o trabalho mostrou: 72% dos jornalistas é da raça branca; 18%, parda; 5%, preta; 2%, amarela; e 1% indígena. Mais 2% informaram outra cor/raça. À época da enquete, o percentual de negros entre os jornalistas era inferior à metade da presença de pretos e pardos no Brasil, segundo a Fenaj.

Fui rever esses dados na esteira do movimento “Vidas Negras Importam”, que também se estendeu ao Brasil. Nos últimos dias, vários veículos no Brasil fizeram

coberturas e debateram o racismo em função das manifestações ocorridas nos Estados Unidos após a morte de George Floyd, que foi sufocado por um policial branco em Minneapolis.

A Globo News, por exemplo, decidiu discutir sobre racismo na edição de 2 de junho no programa Em Pauta, que é veiculado das 20h às 22h todos os dias. Como só havia jornalistas e comentaristas brancos participando de um “debate sobre racismo”, a internet não perdoou. E as críticas ganharam força nas redes sociais.

Para se redimir do grande vazio, a Globo News escalou um time de profissionais negros da emissora, no dia seguinte ao “barulho” gerado pelas redes sociais, com o objetivo de discutir a questão racial no Brasil. Saiu o apresentador Marcelo Cosme e entrou o jornalista Heraldo Pereira (um dos melhores que o Brasil tem), para conduzir o programa ao lado de outras cinco jornalistas

hora de escancarar essa violência que também ocorre aqui e é muito grave”.

Com a voz embargada, Heraldo Pereira também falou sobre o papel da sociedade em relação ao racismo. “O que aprendi nesses anos todos de caminhada jornalística para chegar a esse momento e estar com colegas para discutir a questão racial é que as empresas, os organismos e as instituições precisam ter um olhar para os negros também no Brasil. A população não negra precisa ter um olhar em relação ao negro. Com trabalho, estudo, nós vamos construir uma nação”.

A Globo News errou com um planal branco falando sobre racismo, mas seu mea-culpa convenceu. A versão do “Em Pauta” com um time de jornalistas negros foi histórica e fez sucesso. A partir de agora, o programa vai contar com Zileide Silva e Flávia Oliveira como comentaristas fixas.

Agora, volto à pergunta inicial: quantos jornalistas negros você conhece? E apresentadores de televisão? E médicos, arquitetos, dentistas, empresários? Preste um pouco de atenção ao seu entorno e volte a se fazer essas perguntas. Pois é, algo está errado, e a mudança começa em cada um de nós e na forma como encaramos o outro e suas dificuldades. Vidas negras importam sim!



Foto: Reprodução

Dom Cardoso

escritoriocardoso@gmail.com

Evaldo foi gravar no céu, com um trio de anjos

Iniciamos nossa crônica de hoje com uma notícia triste: a morte do mega cantor, compositor e violonista Evaldo Gouveia, a quem conheci pessoalmente em Fortaleza, quando eu tinha uns 14 anos. Ele era um dos títeres do programa de calouros da Ceará Rádio Clube, muito concorrido em minha terra natal.

Posteriormente, o reencontrei na Rádio Iracema, já artista iniciado, com certo renome profissional. Dali, realizou um voo mais alto, indo pousar nas rádios cariocas, como integrante daquele que seria o grupo musical mais famoso do Brasil, no início dos anos de 1960: o trio Nagô.

Ao retornar a Fortaleza, ainda no seio do Trio Nagô, já era um músico famoso, junto com os amigos, cujos shows eram, razoavelmente, caros. Foi levando a vida sempre a sorrir, até que um dia, o famoso Mário Lago apresentou-o a Nelson Gonçalves.

A consagração musical do cearense começou aí, em carreira solo, com o samba “Deixe que ela se vá”, na voz do Nelson “Gago Metralhadora” Gonçalves. O resto que você irá ler, foi escrito às

pressas, pelos jornalistas de plantão, em diversos órgãos de imprensa do país.

Antes devo lembrar que Evaldo ficou mais preocupado do que alegre quando Nelson disse que ia gravar sua (de Evaldo) composição. Ora se conformava e acreditava que ele gravaria, só porque seu padrinho era forte, ninguém menos do que Mário Lago, compositor e empresário de shows, mais tarde artista global. Um dia se acalmou de vez, quando Lago lhe telefonou e anunciou: “Gouveia, não é que o gago resolveu incluir tua música num disco”? E incluiu mesmo. A nota grossa, desta vez, começou a jorrar (nada de pingar), pelas torneiras. Agora, vejamos o resto da história deste grande artista.

O músico, cantor e compositor cearense Evaldo Gouveia, um dos ícones da MPB, morreu no dia 29 de maio, aos 91 anos em um hospital particular de Fortaleza. Infelizmente ele foi mais uma vítima do novo coronavírus. No apogeu do rádio, já sendo destacado autor de peças musicais, fez sucesso com as composições ‘Sentimental Demais’, ‘Alguém me Disse’, ‘Brigas’ e ‘Trovador’, escritas ao lado do compositor capixaba Jair Amorim.

Marcello Gouveia, filho do compositor, disse que o pai sofreu um Acidente Vascular Cerebral em 2017, quando estava no Rio de Janeiro e acabou voltando para o Ceará, apresentando uma baixa imunidade. Gouveia lutou contra o coronavírus por mais de uma semana, num leito de UTI do hospital São Carlos, em Fortaleza. Ao morrer deixou um legado de 1.200 composições escritas, a maior parte em coautoria com o compositor capixaba Jair Amorim, que morreu em 1993; além de aproximadamente 700 músicas gravadas.

Sua obra foi eternizada pelas vozes dos cantores Altamar Dutra, Alaíde Costa, Maysa Matarazzo e Nelson Gonçalves. Antes de fazer carreira solo, o violonista fez parte do famoso Trio Nagô, com Epaminondas Souza e Mário Alves.

Evaldo nasceu em Orós (CE) em 8 de agosto de 1928, mas passou a infância em Iguatu (CE), município vizinho, para onde os pais se mudaram quando ele tinha três meses. Aos 11 anos, se mudou para estudar em Fortaleza, onde trabalhou como feirante. Oito anos depois, conseguiu um emprego de músico numa rádio de Fortaleza.

Em 1957, compôs a primeira can-

ção ‘Deixe que Ela Se Vá’, em coautoria com Gilberto Ferraz. A música foi imortalizada na voz de Nelson Gonçalves. Evaldo Gouveia conheceu o compositor Jair Amorim em 1958, com quem escreveu cerca de 150 composições, sendo ‘Alguém Me Disse’ o sucesso da dupla cantado por Anísio Silva em 1960. O auge da carreira de Evaldo foi marcado com composições suas na voz do cantor mineiro Altamar Dutra, que fez sucesso nas boates do Rio de Janeiro.

Evaldo teve biografia publicada pelo escritor Ulysses Gaspar, que gravou mais de 400 horas de entrevista com o artista até editar o livro ‘O que me contou Evaldo Gouveia’, publicado em 2019.

O lançamento do livro foi uma das últimas aparições públicas do artista, sempre ao lado da mulher Liduária Lessa.

O legado de Evaldo foi relembrado pela Secult (Secretaria da Cultura do Estado do Ceará), em nota citando um show realizado em 2011, no Theatro José de Alencar, em Fortaleza, em comemoração aos 80 anos do artista. Evaldo deixou saudades, principalmente por se destacar como um apaixonado por seu ofício, sendo exemplo de artista comprometido com os fãs.

FATOS CURIOSOS

■ Por mera coincidência do destino, hoje, quem ocupa a direção que Biu ocupou no Jornal A União é o seu genro, o também jornalista e escritor William Costa. Este adota um estilo diferente de atuar, pois Biu era polêmico. O livro de maior repercussão que Biu escreveu foi *Crimes que abalaram a Paraíba*. O que poucos jornais disseram à meia língua, Biu abriu o verbo às escâncaras e deu nomes aos bois nos assassinatos do estudante Paulo Maia, em Cabedelo; de Valdemarina Mousinho, encontrada morta num canal de Santa Rita; e de Pedro Alves e Ana Limeira, na Praia do Bessa. Biu chegou a me confessar: “Olha, Gouveia, muitas histórias que contam por aí são fantasiosas. Através da imprensa, muita gente me deu respostas imorais. Mas, pessoalmente, nunca tocaram em mim nem me ameaçaram de morte”.

■ A repressão política após 1964 estava no auge. Os editoriais de Biu e as reportagens incomodavam os milicos. Dizem que ele estava cortando a grama do jardim de sua casa, quando encostou um jipe do Exército, bem perto do meio-fio, e o arrogante capitão, um galego de olhos azuis, perguntou: “Ei, neguim, o jornalista Biu Ramos está em casa?” Consta que Biu disse ao milico que iria averiguar e fugiu pulando o muro do quintal. Verdade? Biu contou a mim, que isto não aconteceu. A verdade é que ele era da ala centro-esquerda do MDB. Seus chefes ideológicos pediram para que mantivesse esta inverdade. Era uma forma de subestimar, disfarçadamente, a inteligência dos sabujos da repressão da ditadura militar. “Eu mesmo nunca contei isso em meus livros”, disse-me ele.

■ O jornalista Abimael Moraes era bem sarcástico. Levava tudo na ironia. Nomeado diretor técnico do Jornal A União, Biu respirou fundo porque ele (Biu), era o superintendente. Portanto, superior de Abimael, que não gostava de obedecer às hierarquias. No dia em que assumiu, Abimael se trançou no Departamento de Artes do jornal com o diagramador Biu Galinha e fez uma página em sua própria homenagem. De quebra, comentou: “Quem quiser achar ruim que ache, mas eu estou aqui porque tenho cacife. Deus permitiu e ‘Bura’ mandou”. Ao chegar à redação no outro dia, para ler avidamente o que escreveu, Abimael topou com sua exoneração, publicada no Diário Oficial. O termo “Bura” não agradou a Burity.

MARMITANDO
COM O CHEF WALTER ULYSSES



Walter Ulysses- Chef formado no Curso de Gastronomia no antigo Lynaldo Cavalcante, em João Pessoa, e tem Especialização na Le Scoledicucinadi Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de TV e rádio locais e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.

@waltinhoulysses
chefwalterulysses@hotmail.es

Foto: Fabien Maurin



Quem será o culpado?

É triste, mas já conheço pequenos empreendedores que estão jogando o pano branco, para se render à queda da economia em meio a pandemia.

Essa semana, esse colunista recebeu uma mensagem de voz no WhatsApp, de um pequeno empreendedor que relatava: se chegarmos a esse final do mês será uma vitória.

Ele relatava “se chegarmos”, porque juntaram um grupo de cinco pessoas do ramo de gastronomia e se ajudam também nas redes sociais. Para mim isso é fundamental neste momento, é criar raízes de negócios um ajudando ao outro. Se assim está difícil, quem está só e com pouco capital não chegará ao final do mês.

Para quem não entende a palavra “redes sociais”, é para socializar. Então para socializar existem várias maneiras no negócio, dentre eles é formar grupos. Não importa a quantidade de pessoas que começam a colocar sua marca no story e marcar os demais para que eles possam repostar, e assim sucessivamente com as outras empresas.

Mas uma coisa posso deixar de alerta: comessem a fazer esse trabalho, mas procurem associar sua marca de maneira que a pessoa tenha interesse a visitar seu perfil, ou até mesmo de comprar o produto. Você já pensou em contar um pouco da história de um produto seu, que você está postando? Ou mesmo mostrar passo a passo de como é preparada a receita? Mostrar quem é o funcionário que trabalha com você e sua história de família?

Não é bem uma dramaturgia que estou querendo que você faça ou exponha, mas sim o relato real do seu dia a dia, para não só mostrar o produto que você quer vender.

Recebo muitas mensagens no direct do meu Instagram @waltinhoulysses pedindo dicas, ajudas, empregos, e muitos pedem para eu colocar no story a sua marca para que possa ser vista, e eu assim o faço sem custo e sem troca, pois sei o quanto está sendo difícil manter o negócio funcionando.

Essa semana vi uma matéria na TV, da volta ao comércio em São Paulo e pude observar quantas pessoas estavam entregando seus pontos depois de três meses de fechamento dos negócios. Qual será o segredo mágico, a tática especial, seja qual for o nome para aguentar as contas chegando e não poder pagar, sem falar que ainda existe o sustento diário residencial de cada um.

O Governo Federal fez muito blá, blá, blá que iria ajudar com linhas de créditos, e a coisa complicou. Falou que iria rever tudo, e eu não conheço ninguém que conseguiu uma ajuda, para fechar o final do mês sem ser no vermelho. As contas não esperam e os juros são altos.

Espero que no final de tudo, encontrem uma solução para os pequenos gigantes que tentaram prosseguir neste terremoto destruidor e teve que jogar o pano branco antes mesmo que a coisa piorasse ainda mais. Tentar sempre, refazer sempre, lutar sempre, mas a alma dói por dentro quando não se tem resultado e todos nós somos humanos e sabemos até onde podemos andar com o sapato apertado.

Viva aos sobreviventes, até o momento!

Foto: Arquivo Pessoal



PITADAS A GOSTO

No dia 28 de maio foi o dia mundial do hambúrguer.

Dia 28 de maio é comemorado o dia do hambúrguer, uma das comidas mais amadas e consumidas pela população mundial.

O hambúrguer é o principal símbolo do Fast Food, e são encontrados no mercado de várias maneiras, desde um simples com pão, carne e queijo, até os mais especiais feitos com filé, picanha e molhos mais trabalhados. No Brasil, o hambúrguer chegou em meados dos anos 50.

Assim como diversos pratos e ingredientes, o hambúrguer também tem uma história controversa. De concreto nessa história, apenas o fato dos EUA não ser o criador do hambúrguer. Os americanos contribuíram adicionando o pão ao hambúrguer, e tornando-o sanduiche, isso quando o hambúrguer chegou à América trazido por imigrantes alemães vindos de Hamburgo.

Mas na verdade o hambúrguer foi criado muito antes (século 13) na Mongólia, quando os cavaleiros amaciavam a carne, colocando-a debaixo da cela do cavalo.

PRATO DO DIA

Hamburguer caseiro

Ingredientes

- 6 pães de hambúrguer
- Manteiga para grelhar
- 12 fatias de queijo cheddar
- Requeijão para passar nos pães
- 1/2 xícara (chá) de pickles de pepino fatiado
- 1kg de patinho moído
- Sal e pimenta-do-reino a gosto
- Azeite para criar liga

Modo de preparo

1) Para o hambúrguer, misture as carnes e sal até formar uma massa homogênea com um toque de azeite de oliva. Modele os hambúrgueres, apertando-os bem para compactá-los. Reserve.

2) Em uma frigideira, em fogo médio, toste levemente os pães com manteiga e reserve. Aqueça uma frigideira com azeite em fogo alto até ficar bem quente. Coloque o hambúrguer,



polvilhe com sal e pimenta, e deixe grelhar por 3 minutos de cada lado.

3) Coloque duas ou mais fatias de cheddar sobre cada hambúrguer e deixe derreter;

4) Para a montagem, espalhe um pouco de requeijão em uma parte dos pães, coloque o hambúrguer com queijo, os pickles de pepino. E cubra com outra metade de pão e sirva acompanhado de batata frita.



QUENTINHAS

• Próxima sexta-feira é Dia dos Namorados. Para quem ainda não pensou em como fazer essa data ser diferente nessa quarentena, te dou a dica: escolha uma das cestas temáticas da Tocando Corações. Você monta do jeito que quiser e ainda tem um toque especial que a Vera Lúcia dá que vai tornar o momento ainda mais especial. O Instagram dela é @tocando_coracoes.

• O Pão de Açúcar Adega, e-commerce exclusivo de bebidas premium com entrega em todo o Brasil, está promovendo lives em seu perfil no Instagram (@paodeacucaradega) para os apaixonados por vinhos, destilados e cervejas especiais. O projeto, que recebeu o nome de Tim-Tim de Casa, levou os encontros e degustações, que eram realizados no espaço para eventos da plataforma, para o ambiente digital. A cada semana, especialistas conduzem bate-papos, dão dicas de harmonizações e aulas de drinks no canal, em lives com 30 minutos de duração, em média.

• Muito em breve teremos uma marca muito conhecida na cidade de Santa Rita atuando em João Pessoa. O nome dela é sucesso Fan Pizza. No momento, claro, só estão entendendo por delivery, e esse colunista já teve a oportunidade de provar e é de excelente qualidade. Venham logo para Jampa. Seu Instagram @fan_pizza_delivery

• Uma marca muito conhecida, o Sanduba do Careca JPA, está a todo vapor com suas entregas em delivery. A marca já é conceito de franquia e tem o cardápio diferenciado para os amantes dos lanches. E mesmo sendo o nome Sanduba do Careca, é uma comida de tirar realmente os cabelos. Seu Instagram @sandubadocareca.jpjpa contato: 99176-4626